

PECCADOS VELHOS =

Colleção de escriptos antigos, cartas e
dissertações escolares. feitas até 1903. =
Reunidas e compiladas em 1908. =

Coimbra

1909=1910



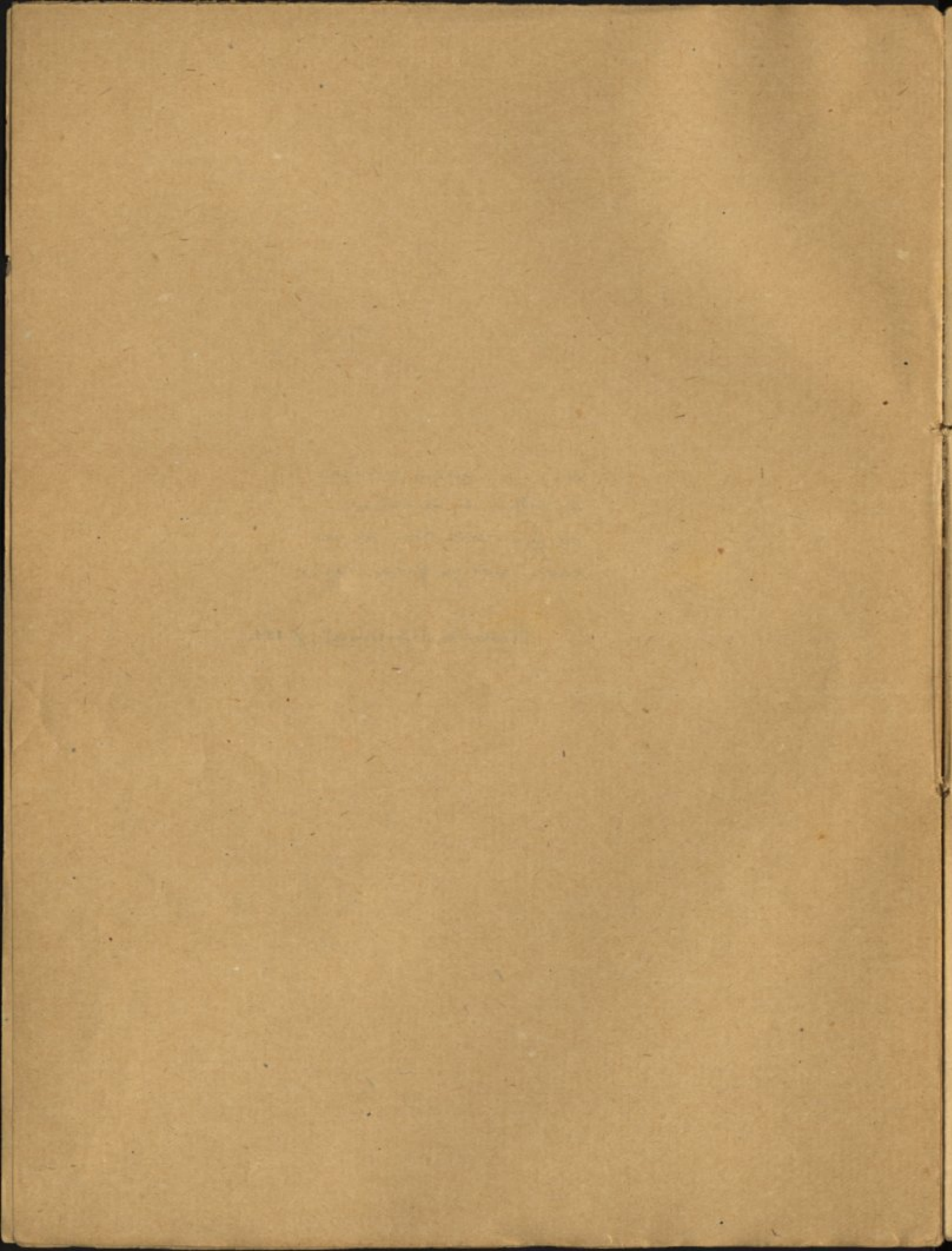
1880
1881



1882
1883

« quem começar
de falar ou de dizer
da primeira vez de ver
com qual se podiam . »

Resende: Cancion., fl. 151.



I

THEATRO...

THEATRO

Um patio! . . .

(1892)

Entre-actô representado por Mario, Raul e Arnan-
do Dupre em Torres Novas (Ribeira Quiva) em 21
de setembro de 1896.

Personagens :

Joaquim Leandro - ferrador.
Thomas Constante - professor.
José Fabica -
Beliano - creado.
Ueu acantador
Ueu Zolício.

Ueuus aldeia. Era casa de Joaquim Leandro, o ferrador.

Scene I

Leandro -

(Entra com dois livros e um chapeu alto debaixo do braço; colloca-os sobre a mesa e tira o seu)

Meus penhores: vou-lhes contar umas novidades! Esta noite tive um sonho! Sonhei que era um patrio! Ah!... quero ser patrio... E eu que sou apenas um góbre... ferrador! Mas logo que me levantei disse: quero ser um patrio! e fui comprar um livro de honras nobreais. Também já fui chamar o mestre da freguesia Thomaz Constante (que só gólo morre se góde comprar n'elle) para me interrogar, para ver o que eu sei. Sou um patrio! (Tirando o chapeu) E já comprei um chapeu alto e casaca. (Batem á porta) Entre!

Scene II

Nabice

(Entrando) Ora viva! Fui chamar o mestre da freguesia e elle não tarda ahí. Va-se preparando.

Leandro

Jáda agora vier, mas neste tempo fiz um estudo!... Ah, um estudo que você não imagina! Sobre honreiros notáveis, sobre honreiros célebres, sobre honreiros que se distinguiram! Enfim, sobre tudo!

Valéria

É verdade, você tem habilidade, mas o que é pena é você não ser rico. Serão é que era um patibulo... Ah, um patibulo...

Leandro

(Interrompendo) Da Grécia!

Valéria

É verdade, da Grécia. Mas onde lá: quanto dinheiro tem você, se não é insencião?

Leandro

30.000^{rs}! É com a compra dos livros, caneco e casa, lá não 20.000! É agora quero ver se arranjo uns sobaúbe, uns seguebários, etc, etc. Deixem-me arrecadar esta casa e este caneco.
Oh Beltrano!

Beltrano

(De dentro) Lá vai!

Scene III

Beltramo:

(Entrando) O que quer o Sr. Joaquim Rubens Leandro?

Leandro

(Orgulhoso) O Sr. Joaquim Rubens Leandro quer que o seu criado Beltramo arrecade o caneco e a cascaca no cabide do meu quarto e que lhe traga o cachimbo que está no dito do dito. Está entendido?

Beltramo

Sim senhor. (Sai)

Leandro

Olha! Eu vou ensinar onde has-de fazer isso. (Sai).

Scene IV

Fabrice

(Só) Na verdade elle tem intelligencia, mas tem um defeito: é por um bocadito estufido. Mas fazer um homem intelligente como elle é... ganha!

Scene V

Leandro

(Quando entra pensa bater á porta) Oh Beltramo!
Traz-me o meu caneco!

Beltramo

(De dentro) Lá vou!

Leandro

Delizaria!

Beltramo

(Entrando e trazendo um caneco d'agua) Aqui
está o caneco!

Leandro

Bruêto! Com 600 milhaes de patrios! Olha que é
o chagui da cabeça! Bruêto! (Beltramo rehe) E
quem está a bater á porta ha-de fazer los ideias
de mim! Meu patrio!... (Beltramo traz o chagui
e vae gol-o na cabeça de Leandro) Bruêto o bruêto
que está a bater á porta!

Scene VI

Constança

(Entrando) Ora uêds em cima?

Leandro

(Com o chapeu na mão) Oh sen. Constança, desculpe-me! Por todos os patrios! Olhe, eu vou buscar-lhe uma garrafa de vinho do Porto para me embriagar e beber, sobe ditô?

Constança

Já lá!... É preciso ter paciência; (alguma) hoje está com a zanga.

Leandro

Embão vou buscá-la. (Sai)

Scena VII

Constança

Pobre homem! Dizes elle fosse ferrar cavallo! Que temerança por patrios! É elle um estufido de quinquenta fôrça!

Márcia

Embão, oh sen. Constança, elle é estufido?... Ah! Eu já cá disse com os meus botões: elle é um belligente mas tem um pouco de estufidez. Não é verdade?

Constança

Lá isso é verdade! (alguma) Outro que tal!

Com quem eu estou mettido!...

Scene VIII

Leandro

(Entrando com uma garrafa na mão) Aqui está a garrafa! Vamos ao interrogatorio! (Sentando-se á mesa, com de pomba do outro; fabrica um fe)

Constança

Vamos ao interrogatorio. Sobre que quer?

Leandro

Sobre as estrellas?

Constança

Bem. O que é Urânio?

Leandro

Não sei.

Constança

O que é Marte?

Leandro

Também não sei.

Constança

O que é a Via Lactea, vulgarmente Estrela de

S. Thiago?

Leandro

Ah! isso sei eu! É uma estrada que se ali gen-
to do Senasche e já lá passei montado no caval-
to do Sr. Constante, lembra-se?

Constante

(Agarbe;) Sua grande lembrança! (Alto;) Agora so-
bre que quer que eu o interrogué?

Leandro

Sobre honras nobreais.

Constante

Então cite-me um.

Leandro

Não sei o que quer dizer essa galana.

Albica

Isso é galana nova!

Constante

Não é, não. Cite-me é o verbo citar, no
imperativo, com o pronome me.

Leandro

Não entendi o que o senhor disse mas é o mesmo.

uma coisa.

Constante

Então como quer você ser patriota se não sabe nada?

Leandro

Sei uma coisa. É a Via Láctea, que é uma estrada que ha Jerbo de Serusche e que já lá gastei no cavallo do Sr. Constante.

Constante

Sabe a pequena coisa? É ir ferrar cavallos!

Leandro

(Enquanto agarrar na Jerbo de Constante) Já vamos lá.

Constante

Alto! Seja como seja! Olhe que vou chamar o regedor!

Leandro

(Corre o chapeu na mão) Perdão, Sr. Constante! Por todos os patrios! Olhe, a garrafa está cheia, por isso beba.

Constante

Já lá! (Bebe) Que bom vinho!

Leandro

Embão não é bom?

Constança

Lá isso é verdade!

Leandro

(Sentindo bater) Embre!

Scene IX

Um carregador

(Entrando) Uena carta para o Sr. Constança. (Entra
trazendo uma carta e parte)

Scene X

Constança

De quem será? (Abre o sobrescrito e lê:) "Sr.
Constança: Por doenças de minha filha tenho a jar-
ticigar-lhe que ella não póde ir hoje á aula. Decon-
firá. De V. etc, etc...." — O meu dever é ir visitá-
la, não é assim?

Leandro

(Argumento) Deve ir. Porque senão fica excomuni-
gado pelo padre Joaquim Domingues Leandro. Mas
olhe: diga-lhe ~~que~~ se quer que eu a vá curar. Co-

mas não alucinar...

Bourbault

Então já venho. (Sale).

Scene XI

Leandro

Sale, Sr. Fabrice, a 3ª course que eu sei? É que vou deixar-me disto. Não quero per patio, não é melhor?

Fabrice

Mas o caneco, a casaca e os livros?

Leandro

(Pensativo) É verdade... (de repente:) Quem você fez um negocio comuigo?

Fabrice

Diga lá.

Leandro

Você compra-me o caneco, a casaca e os livros, quem? Olhe, a casaca e o caneco é para você in a casa meus e os livros é para você in para a jo-nella ler n'elles para metter figures, quem?

Nabica

Mas eu não sei ler?!

Leandro

É o mesmo. Folhei-os.

Nabica

Pois não tá.

Leandro

Oh Beliano!

Beliano

(de dentro) Sem. Joaquim Dubois Leandro, tá
vau! (entre a fumar)

Leandro

Dafressa !!

Scena XII

Leandro

Leve-me o caneco, o casaca e os livros a casa do
Sen. Nabica. Dafressa!

Beliano

Sim senhor.

Leandro

Olhe! Vouha cá. Não me venha a agradecer a ju-
mar, ouve? Cada qual no seu lugar. Depressa!
(Beltrano sabe. Para Wabica :) Agora vouha g'ra cá o
dinheiro, penão...

Wabica

(Procurando no bolso) Quanto é?

Leandro

30.000 reis.

Wabica

Mas você disse degois que estava vinte mil reis?

Leandro

E agora são 30.000 reis. Poise g'ra cá 30.000 reis
penão mandando-o prender!

Wabica

(Dando o dinheiro) Você é um ladrão! Você mas
gagará! (Sabe)

Scene XIII

Leandro

Que grande zóbia! A chamar ladrão a um ho-
mem honrado como eu, que não fero demais a

ninguém? Ora está! Deixa estar que elle tam-
bem ao gago. Pagamos a ambos, no fim de contas...

Scene XIV

Beltrano

(Entrando) Olha, Sr. Joaquim e Rubens Lean-
dro: eu levei todo a casa do Sr. Sabica mas como
elle estava aqui e tinha a chave da porta no bolso
não soude lá fazer isto.

Leandro

(Surto) Pôde não lembrar ao diabo! (Para Beltra-
no): Não o encontraste?

Beltrano

Não senhor. Quem que eu lá vá agora?

Leandro

Não. Olha, fodes-te in embora. (Beltrano parte)
Isto custou-me 20.000 rs; elle pagou-me 30.000, ge-
rlei 10.000 reis. Já tenho 40.000 reis. Bem. O crea-
do não o encontrou por isso fico com tudo isto.
Ah! ah! ah!... Fico comido! Pois elle é burro! Eu
não tenho culpa de elle ser assim. Fiquei com
40.000 reis (contando ylos dedos) com os livros, com
o caneco, e com a casaca! Ah! ah! ah!... Fico co-
mido! (Chaga a porta e arranca com tudo para den-
tro). Embora! (Entrando bobo.)

Scene XV

Constante

(Entrando) Solte o meu namorado em algemas, e
me mandem cá um meu discípulo.

Leandro

Não, não é preciso. Já sei a 4ª causa: é em dei-
xar-me disto.

Constante

Então os livros, a casaca e o caneco?

Leandro

Mandei tudo isso a casa do Fabrice e elle ge-
gou-me e até fez signal... (agarbe) Mas, dei-
xem-me calar. (Fabrice quer entrar mas Leandro
fecha-lhe a porta na cara) Não descubra o meu
crime!

Constante

Que crime? Você fez algum crime?

Leandro

Não, nada é nada. É uma brincadeira entre
os dois.

Constança

Não, não é rezado. Eu vou chamar o rezador para ver o que é isso. (Vae a pedir mas Leandro não deixa)

Leandro

Oh Sr. Constança! (come o chocolate na mão) Jê dá-me, jê todos os patios! Olhe, acabei de beber a garrafa que ainda não está vesia, sim?

Constança

Sá lá! (bebe) Que bom vinho!

Leandro

Mais vale um gosto do que quatro vinteiros, não é verdade?

Constança

Mas olhe: eu vou dizer ao rezador que você fabricou um crime. De quê?...

Leandro

Olhe, Sr. Constança, sabe o que foi? Fui eu que roubei 30.000.

Constança

30.000! Um patio! Mas olhe, eu vou dizer que não o prendo, sim?

Leandro

Vá lá. (Entrando nas orelhas suas bobem á garba). Embra!

Scene XVI

Nabica

(Entrando com um golicia) Eu não disse que mi'as havia de fazer meu golicie?

Policia

Olto! Olhe que é prohibido chamar golicie.

Nabica

Seu ladrão!

Policia

Olto! Olhe que é prohibido chamar ladrão.

Leandro

Embão quer-me prender?

Policia

Sim senhor. Por ordem do Sen. Administrador.

Leandro

Porquê?

Policia

Por roubar trinta mil reis e pueren por patria.

Leandro

Embão por isso?! mas eu sou intelligente! Ah!
logo vi que esta ideia me havia de dar no cabeça!

Nalicia

Intelligente? E' mas é um grande burro!

Policia

Ah! Olhe que é prohibido chamar burro. (Para
Leandro:) Eu vou nome do Sr. Administrador en-
tregue-se á prisão.

Leandro

Eu vou porque o senhor administrador é meu
amigo.

Policia

Eu vou nome do Sr. Administrador entregue-se
á prisão, Sr. Nalicia.

Nalicia

Embão porquê?

Policia

O Sr. Leandro por ter roubado 30.000 reis e

for querer por sabio; e o Sr. Fabrica for chamar
 nomes ao Sr. Leandro. P'ra esdeis, vamos!
 (Sejam felos bracos d'ambos e sahem. Gausbau
te tambem sahe.)

=====

As tres mairias

(1896?)

Entre-acto feito para ser representado por Maria
Paul e Bernardino Duque.

Personagens:

Silvio -
José - } estudantes
Caucredo - }
O pecheiro.

Um quarto d'estudantes. Uma porta ao fundo.
Algumhas cadeiras e duas mesas.

Scene I

Silvio:

Pois é verdade, caro José. Agora sempre arranja-
jei...

José

Arranjaste o quê?...

Silvio

Aquillo que tu sabes...

José

Ah! um velocidade!

Silvio

Qual velocidade, qual historis!... Sempre falei
aquello... aquella que meira escola adiante, ao
fundo da rua.

José

Ah! á tua nomeada!

Silvio

Caro, gentil José! Conhecê-la?

José

Não, mas segundo me dizem é um anjo...

Silvio

Um perfeito anjo! Quando ella anda...

José

(Interrompendo)... em velocidade?...

Silvio

(Viendo) Quando ella anda em velocidade... está tão doido!... (riso) A andar parece uma rainha; aquelle olhar altivo, imperioso... depois a cabeça branca, branca como a neve... o nariz fino, fino, como... como... como... uma agulha! Enfim, toda ella fez-me andar assim... assim... como uma roda...

José

(Interrompendo)... d'uma velocidade?...

Silvio

É tu a dar-lhe como a velocidade... Eu queria dizer-te que recebi hoje uma carta; anda o mundo ás avessas... ella é que se declarou... e eu queria

reajudar-lhe mas não sei como. Pelo correio...
o Jozé é quem primeiro lê as cartas; pelas creadas
não quero...

José

Por meio d'um velocidade...

Silvius

Bom?

José

Mandas-lhe de Jerez de um velocidade e me
sualla do peliur mandas-lhe a carta!...

Silvius

Está tudo!... Era o mesmo! E o dinheiro?...

José

Lá isso é verdade...

Silvius

(Pensando) Já sei!... O Tancredo, como é li-
nado dos diabos é que me ha-de arranjar isso. El-
le lá tem artes para tudo. Como anda sempre
com as suas cavallarias, elle é que ha-de arranjar
isso.

José

Mas como queres tu arranjar o curso?

Silvio

Vamos a ver. O que eu sei é que elle me ha-de
levar uma carta é bella bulolia... Que horas são?

José

(Vendo o relógio) São duas horas. Elle não tarda.
Conhece-se logo quando vir ao fundo da escada.
Mas olha que o melhor era uma velocidade...

Silvio

Tu andas sempre a pensar velocidades! Qual
quer coisa te parece uma velocidade!

José

E tu?!... Tu não tens cara e fregas-nos uma
estolidade a dizer-me que viste uma mulher muito
bonita, ... olhos azues... testa de grata... seccos
de Bristol... cabellos d'ouro... pés de chinezes... e
depois olhas para ti... amou-te!... correu a lau-
car-se a beijo pés, de joelhos, o pedir que lhe disses-
ses que a amavas... É um bom gamborinheiro,
deixa estar!

Silvio

Tu fallas de mim? É o Taucredo?

José

O Taucredo é outro riuviaco como tu, Euan.

do the dá na bola começa ahí a fazer tarucios
 com as ruezas, cadeiras e com os cabides, como
 em fues idade-média... Tu e elle... deixa estar
 que podem tinger as mãos ás faredes...

Silvio

E tu?... com a tua velocidade?... deixa
 estar que também... também não dois! (deu-se
grande barulho na escada e as zelavas: "reudei-
ros cavalleiros!" rejeidas)

Scene II

Vaucredo

(Entrando com uma bengolla nas mãos) Por
 Deus! Venci este combate singular! E' fero que se
 saiba que a bengolla do meu armez e da minha es-
 pada é melhor do que a daquella fero infiel que
 agora me desafiou no caminho! Oro imaginem
 que agora, quando subia a escada senti que um ho-
 mem se couro ferecida minha subindo sobre de
 mim. Chegámos ao corredor do quinteiro andar e
 então esse velho infiel agarrava-me e diz-me: "se o
 mereimo tornar a fazer barulho quando o fero e
 cadeis, ouve?" — Não soude responder tal afronta:
 tirei uma luva e olhando-lhe aos fies disse-lhe:
 "Levanta esse quante, se o ouvas!" Elle, como
 um besta, ficou-se a olhar fero mim; então en-
 corri ao fundo do corredor e gauda a bengolla

em riste, como como ambigancieira os cavalleiros
nos combates. Ora vejame, ora imagineam, a esto-
cada que o misero aganhou... e eu sem querer
saber do bernario que elle fazis agarrar nelle e
záz! ao fundo da escoda! Atirei com elle como
quem abira como zella... ora oicam (ouveau-ne gi-
lor de fóra.) Lá está o vil e bernar! Sua terra que
nem Sant' Jago lhe acode!...

Silvio

Andas sempre mettido em aventuras... So-
cego que preciso de ti...

Taucredo

Alguem desafio?... Eu por ti arriscarei a vida.
Diz depressa.

Silvio

Não é desafio. É mais do que isso...

Taucredo

(Interrompendo) Alguem torção?

Silvio

É quasi. É por causa d'uns menher, lindo,
linda como os anjos!

Taucredo

Alguem donzella ultrajada?... (altivo;) Eu ju-

viu o infame que me aousou insultar na pessoa
dessa donzella!

Silvio

Não é bem isso...

Taucrado

Ouve-me: o meu jeito se não foi creado com
tentanas de bique como foi o de Achilles, se não foi
barrado no lago Estygio, equivale muito bem ao
do heroe grego. E por isso...

Silvio

(Interrompendo) Para lá com isso! Taus ao
caso!

Taucrado

Taus lá! Se fôr preciso um bocado de sangue
garei todo o meu saber na arte da guerra, toda a
minha força para vencer esse infame!...

Silvio

Com mil demônios!... ouves ou não?

Taucrado

Diz depresso. Estou gromto, sempre á dispori-
ção... Sim...

Silvio

Dire! é demais...

Taucredo

Vá lá... Dire lá o que queres...

Silvio

É que eu queria entregar umas cartas a uma
menina, áquella que mora ao fundo da rua,
mas não sei como. E tu, como és o homem das
aventuras, has-de-me arranjar isso. Pense no
caso, e vem explicar-me o teu plano, (é garbe) por
causa d'algunha dôlice...

Jose

Isso tudo se arranjará melhor com um velo-
cidade...

Taucredo

Membis pela garja, ferro usado! Se ouças alté-
nar os meus planos...

Jose

Sim, sim, está bom... (sabe)

Silvio

Então arranja isso que eu venho já (sabe)

Acto III

Taucredo

(Vae á ruína e tira uma folha grande da gaveta) Primeiro é preciso traçar o plano do combate, depois então se procederá segundo os accidentes do terreno e os incidentes... (começa a riscar. Ouve-se bater a porta) Quem é?

Uma voz

(De fora) Sou eu que lhe venho dar uma nova! Se não abre a porta cerco-lhe a casa!

Taucredo

Oh! o penhario! Não quem eu abirei pela escada abaixo!... Ah! as armas! as armas! o inimigo!...

Acto IV

José e Silvio

(Entrando a correr) O que foi isto?

Taucredo

É o penhario que quer ser cerco á casa! Toca a resistir!

Silvio

Deixa-o entrar...

Taucredo

Entrar?... Isso era uma caligulação deshonrosa!
 Nunca! (Chegando-se á porta) O que quer?

Uma voz

(De fóra) Quero quebrar-lhe a cara.

Taucredo

Quebre primeiro a parede que nos separa! Ora
 o Lygo!... Toca a resistir! (Corre e cerra a
 sua escotilha á porta, e põe-lhe umas cadeiras em
 cima) Alos encos é custume o commandante
 fellar aos soldados... (Dá-lhe uma cadeira) Solda-
 dos! É' sobre um dia polemico em que nós vamos
 combatter pela nossa vida e pela nossa patria!
 Neste dia polemico, solennissimo, temos duas
 cousas que fazer: vencer ou morrer! Se mor-
 rermos bem está; se, vencermos, melhor... Se
 morrermos não teremos a vida e se vencer-
 mos é igual que vivermos! Logo, soldados! obe-
 decei como cães ao vosso commandante, como
 buros ao vosso amigo, como bestas ao vosso
 condiscipulo!... E vivamos nós e morra o ini-
 migo! Toca a defender!

Silvio

Mas tu estás doido!... Só pensas em guerra!
 E os nossos negocios?...

Taucredo

Quando se está num cerco em lucta com os elementos e a defender a propria vida, não se trata de maneiros. Fique sabendo.

Silvio

(Alto) Como havemos de arranjar isto? (gemendo) Já sei!... (para Taucredo) Olha, diz ao inimigo que o deixamos entrar com a condição de não fazer barulho e de não bater em ninguém... Já é honrosa a capitulação!...

Taucredo

Pois sim! (para fora) Oh sua besta espalada! você entra, mas não ha-de fazer barulho, ouve? (de fora não responde) Quem seu esbulgado? (o mesmo) Quem está correndo. Voca a abrir a porta... (Viram tudo; Silvio, vai para abrir a porta) Espera! (vai agarrar uma vara e collocar-se deante da porta) Se elle entrar com furia... arde-o! Ahre!... (Silvio abre, mas não entra ninguém) O inimigo fugio! Deve medo! (chega-se á porta) Sempre é bom ir recuar as muralhas... (rae)

Silvio

E se o Lourenço nos jáe jáe?

Jose
Qual historio! Tu logo meae velocidade...

Silvio
(Interrompendo) Omas?

Taucredo
(De fora, em grito) Viva a Patria! (Entrando)
Victoria camileta! O inimigo fugio!...

Silvio
Mas ouve-me, maluco. E aquillo?

Taucredo
E' verdade! Vou contar d'isso. Como se chama
ella?

Silvio
Culalia.

Taucredo
Bem. Vou esbudas o Jairo.

Jose
Nao vas tu fazer tolices...

Taucredo
Oh pei velocidade! Quem o manda folar? Ora

cale-se lá, ouve? Senão... hum!

José

Sim, sim... É um boneco perfeito. (rahe)

Scene V

Silvio

Sabes uma ideia do José?

Taucredo

Diz...

Silvio

Queris que eu te mandasse com velocidade...
o idiota! (ri-se)

Taucredo

(Olhando-se muito) Oh que bello exemplar de ra-
ce dos succubantes!

Silvio

Mas o que pensas tu fazer?

Taucredo

Isso é consunjo. Vai-te embora que eu cá me
arranjo. (Silvio rahe)

Scena VI.

Tancredi

(Vae ven o desenho que fez) Aqui está o plano do combate. Elle meira meira jalecete que tem grandes garbões, creados, cavallos, o diabo! Ora eu vou d'aqui, a cavallo, com aquella lança e meito grineiro o grande garbão, depois ven subido até ao quarto d'elle e ahí lhe entrego a carta. Vamos a ver... (agora meira cadeia e João - a no meira de casa e darde o caraco que João nas costas da meira cadeia) Sugonhamos que isto é o grande-jotão... Eu vou d'aqui e faço-lhe isto... (corre meito todo meira João e com uma lança na mão com que atira a cadeia pelos ares) Primeira victoria! (agora na cadeia e João - a meira a deante) Sugonhamos que agora aquillo é um credo que meira está gritando do do circo da esxada: "Parae! Parae, Dom cavalleiro!" Mas eu dou-lhe um esxada, meito-o e como por toda a casa é procura da meira meira sei o quê... Buscamos... (corre meito todo meira meira João e com a lança atira a cadeia ao chão, e corre toda a casa é jalecete aos meira) Victoria completa!... Só falta entregar a carta; e isso é facilissimo porque a procura e logo hei-de dar com elle. Viva a patria! viva a patria! Viva o Silvio!

Scene VII

Silvio

(Embroudo) Que diabo de barulho é este?... (Vendo o desbroço) O que tu fizeste!...

Taucredo

Mas já pei o glauo! Dá-me o canoa que eu quero que th'a hei-de subregar.

Silvio

Mas não godies fazer isso sem estragar os meus? Que dinheiro se vai gastar no concerto d'isto?

Taucredo

Deixa-te de peruições; anda, vai escrever a carta.

Scene VIII

José

(Embroudo) Embão está tudo arranjado? Não têm necessidade d'um velocidade?

Taucredo

La vem o velocidade! Se te não calas com essas velocidades faço-te correr mais que o d'Oray!

José
Atreve-te, meu doido!...

Silvio
Caleu-se, como mil demônios! Então porque
queres ir entregar a carta?

Taucredo
Está visto! Mas vive lá: onde mora ella?

Silvio
Do fundo da rua, no numero 20.

Taucredo
(Deluzora) E como se chama?

Silvio
Culalis... Jorjê?... ..

Taucredo
Culalis... n.º 20... Essa é a minha namorada!
Ah! domo traidor! que tu'as vas fazer!

Silvio
Fazer o quê? Tu has-de ceder! Hei-de por eu
a continuar!

Tauernedo

Oh domo villão! Por Deus que hei de ver eu!
 (olhando para o bolso das luvas) Ainda cá está es-
 ta! (abre-a aos pés de Silvio) Levanta-o, rival!

Silvio

(olhando-a com o pé) Ora manda á fava as
 tuas cavallarias. Ou tu te calas ou eu te garrho fi-
 ra!

Tauernedo

(olhando na laice e apontando-a ao nariz de
 Silvio:) Tende-te, conande!

Silvio

(olhando a laice) Ora o quê! Quemes luctar
 comuigo?

Jose

Quemem ver os dois á garrada?

Tauernedo

Calo-te, velocidade!

Jose e Silvio

(do mesmo tempo:) Tera!

Taucredo

(com a laço nas mãos) Reza!

O dono da casa

(entrando, com um sorriso) Reza!

=====

II

CONFERENCIAS

feitas numa efêmera "academia" que durou o
curto espaço de tres semanas...

II

CONFERENCIAS

El presente libro contiene el texto de las conferencias dadas en el curso de la asignatura de Historia de la Filosofía en el Instituto de Filosofía de la Universidad de Madrid durante el curso 1954-55.

Descubertas e conquistas dos Gortu-
quezes :

San. Presidente :

Meus señhores :

Vivemos no seculo XV e XVI um periodo de es-
plendor devido ás nossas descobertas e conquis-
tas; mas este periodo foi effemeruo : veio a deca-
dencia e immediatamente a ruina total em Alca-
cer-Kibir.

Contudo, neste pequeno periodo praticáram-
se feitos que não podem ser esquecidos. Este periodo
deu Vasco da Gama e o seu capitão Luis de Camões
além d'outros heroues notaveis.

« Em dois nomes está resumida quicifalmen-
te a vida e essencia de Portugal: o Gama e o Ca-
mões. Um feito para exemplo e outro poema para
modelo. Estes são os gloriosos abomadores da nos-
sa independencia e liberdade. »

São estas as glórias d'um erudito escriptor português na introdução d'um estudo sobre Camões. ⁽¹⁾

Tem-nos sido muito disputada a gloria de sermos nós o primeiro povo que rodeou a Africa.

Uns querem que fossemos nós os primeiros; outros que na antiguidade arrojados navegantes nos antecederam.

Temos tido contra nós honras notáveis como Bluet biogo de Soissons, Bochart, Count de Gibelin, Montaigne, Bougainville, Vivien de S. Martin e outros. Até sobre nós, o celebre Damião de Goes, que apesar de português não deu a originalidade das nossas descobertas! Vejamos o que elle diz na chronica de D. Manuel:

«As quaes viagens todas se fizeram por mandado deste invencivel rei D. João (o segundo) com muito trabalho seu e desgraça de sua fortuna, navegação já esquecida de todo o genero humano por tanto espaço de tempo quanto se pôde ver em um discurso que disse fiz no mesmo chronico do príncipe D. João que compeiz de novo em linguagem portugueza e assim ^{em} um livro que fiz em lingua latina do sitio e antiguidade da cidade de Lisboa nos quaes dois discursos declarei quantas e quaes pessoas muito antes fizeram esta viagem da India pelo mesmo caminho que nós agora fazemos, lo que fiz por acudir ao erro

(1) Latino Coelho: Luiz de Camões, 7

" em que cairam alguns escriptores portuguezes que
 " trataram destes negocios dizendo que só a nação portu-
 " guesa fôra que navegando pelo Oceano Gineense que
 " nenhuma outra viera ter ao mar da India, do qual
 " erro se lhes pôde em parte relevar ha culla por nem-
 " tuns cuidarem que attribuindo esta gloria á sua patria
 " nascam lhe acrescentavam louvor aos povitos que se
 " lhes deve pelas milagrosas victorias, & em aquellas
 " partes em diversos tempos e lugares houveram." ⁽¹⁾

Algumas navegações, segundo os antigos, se
 fizeram em volta d' Africa.

Uma e a mais antiga foi feita por Phenicios que
 zarpeado do mar Vermelho (Erythrao) dobraram a
 extremidade sul da Africa e vieram ter ás Colu-
 nas de Hercules.

Outra é a de Hannon, cartaginês.

Outra é a do egypcio Eudoxio de Cyrene, quan-
 do reinava no Egypto Ptolomeu VIII.

Ainda houve outra mas que ficou em principio.
 Foi no reinado de Xerxes, rei do Persia. A navega-
 ção foi feita por Dareses que violára a sua filha
 de Logyro e que por isso foi condemnado a dar
 uma volta por mar á Lybia (ou Africa); mas viagem
 foi esta que ficou em principio por cause dos tem-
 poraes.

Mas fosse como fosse, destas viagens só temos
 indicios vagos, algumas vagas referencias nos anti-

⁽¹⁾ Cronica de D. Manuel - Parte I, cap. XVIII

dos escriptores como Herodoto e Strabão. O que se
rece é que foram os portugueses, um povo mas
heróico e bravo, quem havia de commetter tão arrojado
como grandioso feito: o caminho para as Indias ro-
deando a Africa.

O iniciador destes descubrimentos foi sem du-
vida o grande Infante D. Henrique

« Fozgueira generosa de Joanne »

que pelo seu talento fez com que a fama

« nos mares o publique
Por seu descubrimento . . . » (1)

Nos primeiros tempos uma difficuldade havia pa-
ra resolver: o medo que as lendas produziam no
espírito dos navegantes, geralmente homens ru-
des e grosseiros e acreditar facilmente nas lendas.
A Africa era a principal victima de taes lendas.
Aqui, os homens tinham os olhos no escuro, nos
hombrros; ali os homens não tem lingua etc; e
principalmente as que diziam que o oceano era fo-
rjado de muros de ferro, e que os ventos reinavam sem
que brevas, tempestades, etc.

Mas o grande D. Henrique coadjuvado por ve-
lotes e leas pervidores como o foram Gil Bar-
nes e outros, removem essas difficuldades e trans-
postos os cabos da Boa Esperança estava para assim dizer

(1) Lusitana - VIII, 37

aberto o caminho para a Índia. Dobrados estes dois cabos os navegantes commencidos das falsidades das lendas não têmão tanto arrostar a juria de Westimno.

E não admire Jorge no dizer de Camões lá tinham semos para os proteger pois que esta foi a deusa mais amada dos portugueses.

Os descubrimentos continuaram.

Em 1486 o grande Bartholomeu Dias descobria o cabo das Tormentas. Faltava a descoberta da Índia.

Em 1497, D. Manuel põe nas mãos de Vasco de Gama

« a chave (1)
Deste descubrimento grande e grave »

Partiu Vasco de Gama a 8 de julho de 1497, de Belem. Levava tres naos: S. Gabriel onde ia Vasco de Gama; S. Raphael onde ia Paulo de Gama e o S. Miguel ou Bérris ~~onde ia~~ cujo capitão era Nicolau Coelho. Levava seguindo João de Barros 170 homens⁽²⁾; seguindo do bastaneda, 148;⁽³⁾ e seguindo Gaspar Correia, 240.⁽⁴⁾

A 20 de novembro doerãram os nossos navegadores o cabo do Boas Esperanças. Foi aqui que Nas algarve seu o celebre Adamastor, ficção tão bem aproveitada

(1) Lusitadas - IV, 75.

(2) Decadas, I

(3) Historia do descubrimento e conquista da Índia.

(4) Lendas do Indio.

da dos barões. No dia de Paschoa da Ressurreição de 1498 chegava a foz da Melinde.

Fins de maio de 1498 chegava a

«... gente illustre lusitana»

a bolecuit. Chegaram por fim ao termo de tão notável viagem.

Quanto Jerigo elles não passaram, quantas vezes elles viveram a vida em Jerigo, pó para gloria da sua nação!

Foi Vasco de Gama o homem mais extraordinário na historia dos descobrimentos!

«Tudo quanto no ambiguidade haviam feito os mais ousados navegantes, era nada em paralelo com esta empresa audaciosa de circumnavegar a península africana e cortando o immenso golpho que se regula da costa do Malabar, chegar á costa da cidade famosa onde se julgava accumuladas todas as riquezas do Oriente.»⁽¹⁾

Esta viagem enchou de espanto o mundo civilizado. Foi este acontecimento que inspiroo as immortaes barões e sua «gloria sem modelo»⁽²⁾

Desde que foi transposto o cabo Bojador por Gil Eannes, cabo que se julgava até então que não se podia por transposto, toda a Europa seguia com avida e espanto a continuação dos nossos descobrimentos

⁽¹⁾ Latino Coelho: Vasco de Gama, I, 103

⁽²⁾ Idem: idem, I, 7

até que Vasco da Gama veio dar o golpe fatal nas repúblicas italianas.

Outros descobrimentos importantes se fizeram como o da America, a primeira viagem de circumnavegação e outros; mas estes nada são comparados com o do Gama.

O resultado da viagem de Colombo foi grande mas não foi como o de viagem do Gama.

Colombo sabia que para o occidente havia um continente, porque um português dos Açores sendo arrojado por uma tempestade para o occidente deu com terra firme; e foi deste português que Colombo tirou informações para a sua viagem.

O Gama sabia que a India existia mas não sabia onde. E procurou isto consultando o roteiro da viagem e as nossas antigas chronicas que tratam d'esse assumpto; vê-se que o Gama em qualquer ponto da costa d' Africa em que parasse, perguntava noticias da India. Na costa oriental ha um rio com o nome de Rio dos Bons Diquas que foi onde Vasco da Gama, pela primeira vez, teve noticias da India.

Logo a America estava descoberta e a India não.

Colombo não foi às cegas; levou o seu caminho quasi marcado.

O Gama, não.

Na volta a Portugal, os nossos argumentas chegaram a Lisboa nos fins de agosto ou principios de setembro.

Não termináram, ainda, neste ponto, os descobrimentos.

D. Manuel, pouco depois de ter chegado o Garua mandou segunda expedição á India que foi comandada por Pedro Alvares Cabral; e arrojado por o occidente por uma tempestade chegou a um continente então desconhecido que veio a ser o Brazil. Fez parte desta expedição Bartholomeu Dias mas perto do cabo de Boa Esperança foram assaltados por tão violenta tempestade que muitos navios se perderam com a tripulação.

O navio de Bartholomeu Dias desappareceu e juntamente elle. Estava realizado o que Adonias de Almeida disse:

« Aqui espero tomar na mão me engano ⁽¹⁾
De quem me descobriu os muros virgãos. »

Gaspar Corte-real descobriu em 1500 a Terra de Corte-real, hoje Terra Nova.

Em 1501 João de Nova descobriu a ilha da Ascensão e a de Santo Ilhéus.

A costa oriental d' Africa foi toda descoberta, pouco a pouco, pelos portugueses.

E a primeira viagem de circumnavegação foi feita por um português, Fernão de Magalhães, infelizmente ao serviço da Espanha.

Do passo que os descobrimentos marítimos

⁽¹⁾ Lusitana, v, 44.

continuarão, no Indis fabricavam-se feitos que
escurrecem os antigos feitos de gregos e romanos. Os
grandes honras como Affonso d'Albuquerque, D.
Francisco d'Almeida, Duarte Pacheco

«e outros em seus loges não têm a morte»

enchiam de orgulho o mundo civilizado.

Diz a historia que 300 gregos resistiram a um
enorme exercito de persas; mas morreram.

Duarte Pacheco, no Indis, com 70 portuguezes re-
sistiu a muitos milhares de soldados de Calicut; e
venceu.

Um outro anjado feito foi sem duvida algu-
ma a tomada de Ormuz pelo grande Affonso d'Al-
buquerque. Este apenas tinha seis navios sobre el-
les a celebre man chamada Flor do mar; e Ormuz
possuia no porto uma enorme esquadra, e a cida-
de tinha um exercito de 15. a 20:000 homens e esda-
ra guarnecida com uma grossa artilleria. Era
tão temeraria esta empresa que os capitães das en-
tras mãos quasi se rezaram a acampanhar o seu
capitão-mór.

Muitos feitos illustres se fizeram mais. O es-
pirito bellicoso e aventureiro dos portuguezes não
está ainda de todo perdido.

Viuda ultimamente, no meio desta decaden-
cia, um facto veio provar que os portuguezes não
perderam de todo o seu ardor.

Podemos dizer que foi Portugal a resção mais

aventuraria e audaz nos seculos XV, XVI, XVII,
principalmente.

Podemos dizer que:

foram os portugueses que iniciaram os descobrimentos maritimos;

foram os portugueses que descobriram e exploraram toda a costa occidental d'África;

foram os portugueses que descobriram o caminho da India;

foram os portugueses que descobriram o continente americano;

foram os portugueses que descobriram o Brazil;

foram os portugueses que descobriram a Terra Nova;

foi um português o primeiro que deu a volta ao mundo;

foram os portugueses que no seculo XV e XVI praticaram os actos mais valerosos do mundo;

foram os portugueses, finalmente, que tiveram a hegemonia moral entre os mais jovens europeus.

Mas, apesar destes factos estarem afirmados e documentados os estrangeiros não sempre injustos para com os portugueses.

Um escriptor muito distincto como é Julio Verne nem seu livro A descoberta da Terra, falando das viagens portuguesas é injusto e alem disso estudou pouco o assunto; e isto dá-lhe os grandes erros que commette.

citamos alguns. Falando de viagem de Alvarez Cabral diz o distinto escritor:

« A 12 de março de 1500 uma frota de 13 navios deixou o Restello debaixo das ordens de Pedro Alvarez Cabral.

« Contava como voluntario Luis de Camões que devia illustrar no seu poema dos Lusiadas o valor e o espirito aventureiro dos reis catholicos.»⁽¹⁾

O illustre escritor Pêzeiro Chagas que traduziu esta obra, neste ponto escreve a seguinte nota o seguinte:

« Isto brada aos ceus! Luis de Camões, nascido em 1524 embarcando como voluntario em 1500 na armada que descobriu o Brazil!»

De modo que Luis de Camões, antes de nascer, já fazia viagens!

Mais adiante vemos:

« Pedro Alvarez casara com Isabel de Castro, filha meira daus da infante D. Maria, filha de D. João III.»

Nota de Pêzeiro Chagas:

« Em 1500 já Pedro Alvarez Cabral era casado com a daus da filha d'um rei que ainda não tinha nascido. D. João III, nasceu em 1502 e em 1500 já Alvarez Cabral tinha casado com a daus da Infante D. Maria, filha do meo D. João III.

« Que precocidade a desta quincena! Já tinha

⁽¹⁾ D descoberta da Terra - II, 287

⁽²⁾ Idem - II, 324

"damos antes de lhe nascer o gae!"

Solo é quanto aos erros, mas quanto ás injus-
tias muito temos que falar.

Vejamus: falando dos primeiros descobrimentos
dis que os nossos homens «... não desejando af-
frontar mares desconhecidos seguiam prudente-
mente a costa africana sem nunca della se afastar»⁽¹⁾

Mas nota Pinheiro Chagas que os nossos homens
não tinham afastar-se das costas mas que tinham
ardem expressa de as enflorar misericiosamente.

Pois se se tratava de descobrir o Africa os nave-
gantes deviam afastar-se das costas?

Noutro ponto do livro falando das causas da
decadencia do nosso imperio colonial diz que uma
dellas foi «o indomavel orgulho nacional.»

Ora fiquem sabendo o Sr. Julio Verne que nenhum
govo colonizador teve nenhum orgulho nacional do
que os garbuzeres.

Tambem diz que este orgulho impedio a mes-
tura dos vencidos com os vencedores.

Isto não é assim.

Os garbuzeres não facilmente acobridos pelo in-
digenas.

« Já tem ditos alguns escriptores que a facilidade
com que os garbuzeres acobriam as fmeas de qual-
quer outra raza humana, para com ellas cohabitarem
é um dos segredos da nossa notavel accão colonisa-
»

(1) Idem - II, 175

"dora. Os ingleses ligam mais importância a essa
 "questão de côm e por isso nunca são accidos pelas go-
 "relações indígenas com a facilidade com que são
 "accidos os portugueses." ⁽¹⁾

Mas deixemos o que os estrangeiros dizem.

A nossa gloria ninguém nos pôde tirar.

É a fôrça o gonzêito destas glorias não foi ma-
 nhum. Eram realmente ganhou. Foram essas na-
 ções que se dizem civilizadas e civilizadas é gente
 das quaes está a Inglaterra.

Foram estas nações que cobarde e injunemente
 nos roubaram todas as melhores colonias sem que
 neste quiz houvesse um honra que se ofezesse a
 estes roubos.

Podemos dizer que tivemos um Albuquerque,
 um Francisco d'Almeida, um Pêcheco, um Mascarenhas,
 nomes que encham de espanto o mundo,
 mas... que mais? se o fructo do trabalho destes ho-
 mens nos foi roubado?

Mas, apesar de tudo, ainda nos restó uma con-
 solação, fôrça, no meio desta derrocada, no meio
 desta enorme decadencia surge puro e sublime o
 cadrao onde estão gravadas com letras d'ouro as
 nossas glorias:

É este um cadrao que se pôde mostrar a essas
 nações que se dizem civilizadas e á humanidade e

⁽¹⁾ M. Pinheiro Chagas: Migalhas de Listerio Jobu-
queira - VI cap. p. 57.

aos tempos vindouros, para que saibam que lá no fundo, num canto da velha Europa, houve um bravo batalhador e audaz que pelo seu espírito aventureiro, não cabendo nos seus acanhados limites foi forçado a ir buscar terras que o oceano tinha até então encobertas.

E esta façanha é uma epopeia, uma sublime epopeia — chamada Lusíadas.

E é a única consolação que nos resta.

Coimbra = 1 de abril de
1896. =

Portugal:

Sr. Presidente:

Meus senhores:

Existe um povo na Europa que auctoriza referir-se na historia um papel importantissimo.

Este povo foi audaz e aventureiro; mas sabendo nos acanhados limites que o destino lhe dera procurava expandir-se.

Por um lado a Slesofaria, pelo outro o mar. O mar tinha muitas terras desconhecidas. E

«..... cometendo
O duvidoso mar nunca tanto leve»⁽¹⁾

foi o primeiro povo que iniciou os descobrimentos maritimos.

Este povo, foi o povo portuguez.

⁽¹⁾ Lusitadas - I, est. 28.

Sob o furo de vista guerreiro foram os portugueses desde o seu berço, dotados dum genio inquieto, procurando sempre com as mais audaciosas empresas buscar gloria para a sua patria.

Vê-se este genio sempre vivo primeiramente combater para alargar as suas fronteiras; depois de se combater corajosamente contra um rei estrangeiro que se queria apossar d'elle; depois de se combater, não com honras suas e em outro lugar inimigo, o Oceano e ir buscar longinquas glorias ao Oriente; e combater para solidificar a sua independencia, de se combater ainda batalhas contra o despotismo hespanhol e no principio deste século contra o despotismo de Bonaparte.

Este genio sempre vivo tem sido um dos genios mais audazes.

O soldado portuguez é um dos melhores, não é o melhor. A inflexibilidade do allemão, o entusiasmo do francez, e o sangue frio do inglez não excedem o valor do soldado portuguez. O soldado portuguez é resistente, pôde passar tempo sem comer. O inglez não é assim: em não comendo não combate e se poder agarrar o rancho d'algum companheiro, não lhe perdôa. O grande Napoleão Bonaparte fez justiça ao soldado portuguez. Nas batalhas em que entrou a Legião Portuguesa, foram os portuguezes o principio a decidirem a parte d'ellas, a favor dos francezes. O genio Napoleão chegou a dizer um dia ao cande de Ege:

— Senhor conde, não ha na Europa melhores solda-
dos que os garruguezes.

Mas voltemos ao periodo em que os garruguezes
combattiam com os mouros garrus, á custa destes, alarga-
rem as fronteiras.

Neste periodo tudo parece fabuloso; e algumas len-
das, como a algarizão d'Ourique e as contes d'Alfucave
andam misturadas com o que é verdadeiramente
histórico. A lucta com os mouros era sempre:

« Das glorias do Alentejo gar aude corria o va-
cillante limite que dividia mouros e christãos viviam
vida de continuada e salvagem lucta heroicos fronteiros
cuja existencia aventurosa engeracionou fortemente
os ingenhos chronicistas.»⁽¹⁾

Muito e muito sangue se regou nestas luctas
continuadas.

Ha em Coimbra um arco chamado "d'Alfuedina".
Este nome significa « porta de sangue », pela grande
carnice della que os christãos fizeram derramar aos
mouros na restauração de Coimbra até aos legos do bis-
go onde a parochial igreja de S. João tomou o nome
de S. João d'Alfuedina para memoria de tal victoria, e
diz um escriptor antigo que avariara dos mortos e
feridos tanto sangue que regerara na Porta d'Alfue-
dina, gar está fechada.»⁽²⁾

Nesta epocha vemos guerreiros infatigáveis, como

⁽¹⁾ P. Chagas: Resumo da hist. de Portugal, 22

⁽²⁾ Bernardo de Brito Botelho: Hist. breve de Coimbra, 25

Giraldos - o seu favor; D. Fuas Rougimho; Martim, Mu-
niz; Gonçalo Mendes, senhor da Maia; S. Theotonio e
outros.

Todos estes honras foram valentes e leaes seruidores de D. Affonso Henriques.

Gonçalo Mendes, senhor da Maia, e cognominado "o Lidador" morreu de morte acausos e combattendo. Era porteiro de Beja, e quando completou 90 annos, em 1170, quiz dar uma partida ao campo inimigo e com cerca de 300 honras, sendo algumas 30, os cavalleiros. Encambram effectivamente recursos em numero de 1:500 Gonçalo mais ou menos; e estando estes quasi vencidos foram ainda soccorridos por outros mil mussulmanos. Mas os portuguezes juraramos em campheta debandada.

Notavel se tornou S. Theotonio, o griveiro prior de S. Cruz de Coimbra.

Não se esquecer delle, Camões:

« Uuy sacerdote né, brandiundo a ergada
Contra Trovantes, que tomou por vingança
De Liria que dantes foi tomada
Por quem fez Mafarredo sinesta a laus,
E' Theotonio Prior. » (1)

Martim Muniz, no ultimo assalto de Lisboa (di-
zemo) deixou-se cair, crivado de feridas, á porta do
Castello para o seu cargo impedir que a porta se fechasse.

(1) Lusitana - VIII, 19

se e assim os christãos poderiam entrar dentro do castello.

D. D. Fuaes Rougheo se atribue a defesa de Porto de Múz e duas victorias navaes.

Cantões tambem se não esquecerem:

« Vês este, que vindo da cilada
Dá sobre o rei que cerca a villa forte?
Já o rei tem fezo e a villa descercada:
Ilustre feito digno de Muavante!
Vel-o, se upé ginstado neste armada
Nos mares tambem aos mouros dando a morte,
Tomando-lhes as gales, levando a gloria
Da ginzeira maritima victoria.

E' D. Fuaes Rougheo. »⁽¹⁾

Foi a batalha d'Ourique, sem duvida, um dos mais importantes feitos de Affonso Henriques.

Segundo cantões, os mouros eram cem vezes mais:

Julga qualquer juizo razoado
Ter mais temeridade que covardia
Cometter um tamanho ajuntamento
Sem fora um cavalleiro houvesse cento. »⁽²⁾

Mas este numero parece exagerado. Contudo, o exercito não podia ser muito grande porque o inimigo eram cinco reis mouros. Ora cinco reis alliados não trariam, com certeza, um exercito muito ge-

⁽¹⁾ Lusitadas - VIII - 16-17

⁽²⁾ Lusitadas - III - 43

quero. Mas neste tempo, os portugueses eram portugueses de lei; morriam mas defendendo Grineiro que tudo a gabria, deixou a familia, a sua terra, a sua esposa e o cimiterio onde estavam as cinzas dos seus.

Alexandre Herkulano, historico da municipalidade de seus livros diz o seguinte:

« Se outros de cavalleiros portugueses podessem ostar ganso traz uedo em seu pau de guerra, etc. »⁽¹⁾

Faz o illustre escriptor justica aos cavalleiros da sua patria.

Uma outra gajina britanica da nossa historia e sem duvida a gajina em que se narra a grande batalha do Salado.

A palavra batalha foi erroneamente chegado-se a dizer algumas chronicas do tempo que numeravam 400 a 500 mil muosinos e dos christaos no 15 a 20. Isto foi desferido pelo entusiasmo que a victoria causou.

Segundo Lafuente, chronista herganhol, os arabes confessavam a sua derrota chamando ao dia da batalha — dia infame; a batalha — batalha cruel; e — instancia memoravel — a maldade que cometeram.⁽²⁾

Foi chamada esta victoria que se deu a 30 de outubro de 1340 — Victoria dos christaos, e foi attribuida a um milagre.

⁽¹⁾ Lendas e narrativas — II, 83

⁽²⁾ Historia geral de Hespanha —

Mas em que nasci nos fins do seculo XIX digo que a victoria foi devida ao valor dos christãos.

A festa da Victoria dos christãos é ainda celebrada hoje e os sacerdotes vestem-se de raias e varas vermelhas, cõo do sangue derramado na grande batalla.⁽¹⁾

Em 1385 um grande duelo se deu entre Portugal e Castella; mas o duelo muito desigual e que terminou muito gloriosamente para os portuguezes em Aljubarrota e Salvaterra.

O heroe desta epocha, na guerra, é o grande Alu' alvares « que abê depois de morto foi sauido.⁽²⁾ Tinha Alu' alvares nesta epocha 26 e o Mestre d'Aviz 27 annos. « Era umis valherosa effica!⁽³⁾ »

Em Aljubarrota eram as forças muito desiguas. Sendo os portuguezes apenas 6.000 homens mais os seus, venceram forças castelhanas cinco vezes superiores. Mas além da desigualdade do numero que grande differença na qualidade e armamento dos soldados! Os castelhanos tinham um terço de cavalleiros, todos perfeitamente armados; tinham alguns trons que eram as primitivas peças de artilheria; e nós, relativamente aos portuguezes poucos cavalleiros tinhamos e o resto era fuzilagem.

Alu' alvares commandava o centro que se compoza de seiscentas lanças; e o commandante

(1) Garcia de Vasconcellos: D. Lybelle de Aragão

(2) B. de Brito Botelho: obs. cit. - 27.

(3) Oliveira Martins: Vida de Alu' alvares -

da ala direita

« Mueño Rodriguez, no diz, de Vasconcellos. »⁽¹⁾

e a da esquerda era commandada por Nuno Vasques d'Almada.

E o mestre d'Ariz

« Que escurando o greco nae, de Marbã »⁽²⁾

commandava a retaguarda. Os gongueiros iam animados dum pensamento nobre que é a defesa da gloria; e os castelhanos predominava a cubica.

Alguns cavalleiros gongueiros fizeram votos de mudos votos desnodados. Só chegaram, desta batalla, dois votos, abé nós; e foram-nos conservados por Fernão Lopes. Um foi o de Gonzalo Barues que jurou por elle que daria o primeiro golpe; e o outro foi o de Vasco Martinis de Muello que jurou grander o rei D. João de Castella, ou pelo menos gôr-the a mão em cima.

Os cavalleiros herzagueiros dividiam já entre si a greza que elles julgavam como certa. Enganaram-se. Apesar de serem chamarrinos ainda lhes fizemos fazer momentos amargos.

Depois desta guerra e pozgado o reino, ainda vemos o Mestre d'Ariz, animado pelos filhos, saber pela primeira vez do reino gora conquistar tan

⁽¹⁾ Lusíadas — IV, 24

⁽²⁾ Lusíadas — IV, 25

nas africanas. E a Guineense victoria foi a tomada de
Cauca.

Morreu este grande rei D. João a 14 d'agosto de
1433, anniversario da victoria d'Aljubarrota.

« O seu reinado foi o mais brilhante que teve Por-
tugal. »⁽¹⁾

Commeis eutão a epocha gloriosa para Portugal. E' d'
esta epocha que os portuguezes « os cavalleiros audaces
do Oceano » vão á busca de gloria por esses mares fãra.
E os peros feitos no Oriente, encheram de orgão o
mundo.

O que se pôde comparar aos feitos de Affonso d'Albu-
querque, de Duarte Pacheco, de D. Francisco d'Almeida?
Os feitos que as nossas chronicas contam parecem po-
tensabimas.

do Vida de D. João de Castro lemos: « Passado algum
" espaço, logo que o furio desassombrou a fortaleza, man-
" dou Rumeirão entrar quinhentos Turcos pelas ruinas
" do baluarte abrazado, peguindo-os de trogel o restante
" do campo; fôrão acharam cinco velenosos soldados
" que lhes fizeram rosto sustentando largo espaço o fero
" de São novo baboia: verdade tão estranha que neces-
" sã de tanto valer para se escrever como para se olhar;
" fôrão qualificada esta no confissão dos proprios in-
" migos e agora nas cãs de tantos annos. »⁽²⁾

Mas os portuguezes desse tempo não eram como

⁽¹⁾ P. Chagas: Resumo da historia de Portugal

⁽²⁾ do liv. 2°.

os d' agora. Erau

«Varões excelsos que ajezar de morte
Viveis na tradição, viveis na história!»⁽¹⁾

Mas em seguida a estas glorias todas, veio dejes-
sa a decadencia; e o beato e inexperiente D. Sebastião
veio dar o golpe fatal.

Mas, passados 60 annos surge outra vez este ge-
nero hero combatendo pela sua independencia e li-
berdade. Olivença, Mombijo, Elvas e Memes. Branco
lá estão para attestar o valor portuguez.

E no principio deste seculo, os soldados de Bonaparte,
sempre acostumados a vencer, experimen-
taram o valor portuguez.

Diz-se que os portuguezes foram covardes na gu-
erra invasão. Isto não é verdade, porque nem Ju-
not fez uma invasão nem os portuguezes foram
covardes.

Vejamos o que acerca disto diz o escriptor Pinhei-
ro Chagas:

«O governo de Lisboa, pela sua desastavel poli-
tica finja estar de accordo com o imperador dos
franceses, e a grãteja debaixo de suas ordens de
Inglaterra. Mas o que é certo é que observava-se
comava até medidas rigorosissimas contra os subdi-
tos do rei Jorge. Mandava-os pahir em curto giro
de Portugal e confiscava-lhes os bens. Dificilmente

⁽¹⁾ Mi. M. Barthelemy du Bocage - Sonetos.

" Jodis o reino, que não estava no segredo da política do
 " gabinete de Ajuda, deduzir d'aqui outra coisa que não
 " fosse a plena adesão do governo português ao bloqueio
 " continental e ao juramento napoleónico.

" Anunciou-se no entretanto a aproximação na fronteira
 " de um exército francez. Ninguém de certo o poderia
 " considerar senão como um exército aliado que vinha
 " dar força ás determinações rigorosas do príncipe regente
 " contra a Inglaterra.

" O tratado de Fontainebleau ainda não era conhecido
 " em Portugal. Mas, para dissipar todas as duvidas, se ao
 " houverem ainda, veio a proclamação do príncipe re-
 " gente ao partir para o Brazil, ordenar a todos os fideis
 " portugueses, que tratassem como amigos os soldados
 " de Napoleão.

" Eram amigos mas fugia d'elles? O que se dizia era
 " que estava coacto, que o levavam prisioneiros de guerra
 " os ingleses e no meio desta confusão de ideias mis-
 " quem sabia quem eram os aliados e quem eram os ad-
 " versarios, e Junot abnaessava o país todo e chegava a
 " Lisboa com 2 regimentos esgarçados e invalidos e
 " com elle tomava posse da capital do país glorioso, que
 " tinha o seu nome assiguelado nas paginas mais bri-
 " lhantes da historia militar do mundo inteiro. ⁽¹⁾

Mas pouco depois veio a insurreição e a guerra
 começou. Foi em Portugal que os francezes encon-
 traram mais resistência.

⁽¹⁾ Migalhas de historia portugueza - 150

Napoleão recebeu de honras os soldados da Legião Pen-
tágona. Depois da batalha de Wagram, distribuiu aos
soldados de cavallaria e infantaria que eram uns
2:500, arrebatou e duas cruces da "Legião d'honneur". E
quando recolheu estes camuflagens e a "Legião" foi para
Paris, Napoleão passando-lhes revista, fez-lhes um dis-
curso que terminou dizendo:

— Quero dar-vos uma prova d'estima em que te-
nho o vosso valor: fareis durante um mez a guar-
nição de minha capital.

Era esta uma honra que elle nunca concedeu,
nem mesmo ás tropas francezas aliadas á guarda.

Napoleão deu-lhes estas honras porque os contieis
e cavalleiros-thes ter soldados assim no seu exercito.
Tinha razão quando disse que o melhor soldado era
portuguez.

E o feito arrojadissimo do capitão Mousinho d'Al-
buquerque mostrou que os portuguezes ainda sabem de-
fender a honra de sua bandeira.

x

Sob o ponto de vista litterario Portugal goza collo-
car-se ao lado das outras nações europeias.

O desenvolvimento da nossa litteratura principia
com a dynastia d'Aviz e cultivou-a o fundador da
mesma dynastia e seus filhos.

E d'ahi a um seculo havia de vir ao mundo o
nosso primeiro poeta, o immortal cantor das nos-
sas glórias. Havia de vir ao mundo o tão notavel

como in Feliz Luis de Camões. Onde nasceu e em que
 anno é ainda um enigma. Seria em Lisboa, Coimbra,
 Lens, Santarem, Alentejo? Não se sabe. E o anno em
 que nasceu? Quere-se que fosse em 1524 e outros em
 1525.

Mas existe delle uma grande elogio, um « gran
 dilogio joana » que é o bastante para dar gloria a
 um poeta e a uma nação.

Em Camões um gástrico devotado. Revela elle
 nos Lusidas o seu gástrico, o seu grande talento
 de poeta e os seus lenhos de soldado

« Para servir-vos, braço ás armas feito;
 Para cantar-vos, mente ás musas dada. »⁽¹⁾

Camões tambem amou. Amou Catharina de
 Athayde. Foi esta dama, cantada com o nome de Water-
 cis (anagrama de Catharina), que lhe inspirou as suas
 melhores poesias.

A morte do seu Watercis chegou-lhe aos ouvidos
 quando estava na India e com esta noticia recebeu
 um grande golpe. E foi nesta occasião que elle lhe
 dedicou o seu melhor soneto que principia

« Oh! minha gentil que te gástrico
 Tão cedo deste vida descaute. »

Tambem foi a morte de D. Catharina que elle fez
 uma das suas melhores elogias.

⁽¹⁾ Lusidas - X, 155

Diz elle:

« Quem já perdeu aquelle doce riso
 Que riso produzia a doura vida,
 Não é muito que jure a vida a riso. »⁽¹⁾

Mas adiante:

« A ténia que estes montes alegrava
 E que á casta Diana fez inveja
 E que com a sua vista o sol cegava,
 Do céu se foi com aquella formosura
 Que era mostra do céu, gloria da terra,
 Sua era o sujeito más, de más ventura. »⁽²⁾

Era elle o seu unico pensamento. Celebrou nos
 seus versos a sua

« ... testa d'ouro e neve, o lindo arceito
 A bocca gaciosa, o riso honesto
 O collo de crystal, o branco geito. »⁽³⁾

Mas a sua amada zagara - lhe muito mal todo o
 seu amor. Cantões queixa - se muito disse:

« ... a más alegria

 E que nunca sentia
 Não tenho eu que fui vossa
 Querendo-me vós quanto vos eu quero. »⁽⁴⁾

E nunca elegia:

(1) Elogio XV.

(2) Elogio XV.

(3) Cancão I

(4) Cancão IV

« Não gague de algum bem tenha esperanças
 Vos escrevo meu mal em tal estado
 Que sei que em vós fará pouca mudança:
 Mas já fardado, triste e magoado
 Para remedio tenho escrever d'ares;
 Esperar de vós outro, é escusado. »⁽¹⁾

Bauções deixou-nos esse immortal poema, foi d'
 um grande talento poético, foi o homem mais vulgar
 do seu tempo e morreu miserissimo; e se não fosse o seu
 fiel Jan morto por ninguém.

É o que aconteceu a quasi todos os honras de letras
 em Portugal.

Morreu Bauções ao mesmo tempo que Portugal.

Mas Portugal ressuscitou passado 60 annos e Bau-
 ções não. Portugal ressuscitou, não com tanta vida
 como antes mas ainda vive; e Bauções não.

Bauções vive na memoria dos honras e viverá
 por sempre; e a sua gloria é e continuará a ser uni-
 versal e immortal.

É d'ahi a dois seculos nasceu um ente predestina-
 do a ser uma boa imagem mas por acabar.

É esse ente tinha de ser um desgraçado; havia de
 amar mas não como o Bauções e não compreenden-
 do tão bem o amor como o seu modelo. Havia de
 ser este ente como um falido reflexo d'um sol que
 se reunia dois seculos antes.

Este ente chamou-se Bocage. Foi um desgraçado;

⁽¹⁾ Elegia XIII.

morreu como o Camões, gloriosissimo. Morreu depois de uma vida tumultuosa, agitada, quén zelas suas breves aventuras amorosas quén zelas luctas litterarias que sustentou contra varios zelas contemporaneos.

Elle proprio o confessa :

«..... Tivera alguns merecimentos
Se um raio de razão requirer zelos.» (1)

Bocage, confundendo-se e Camões diz muito pouco :

« Camões, grande Camões, quão permittante
Decho ter fado ao meu quando os estejo !

.....
Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza !
De te imito nos traços da ventura (2)
Não te imito nos duros da Natureza. »

x

Da litteratura contemporanea em Portugal não falo. Porque a litteratura contemporanea em Portugal não é litteratura portugueza : é litteratura franco-portugueza predominando mais o francez que o portuguez...

Ainda não bastavam os males que affligem o gae e ainda esses senhores melhibatás usam de turgar a nossa lingua !

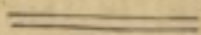
(1) Soneto. -

(2) Soneto. -

Já no reculo passado Antonio Dixiz dizis que

«O saber francez e' saber tudo!»⁽¹⁾

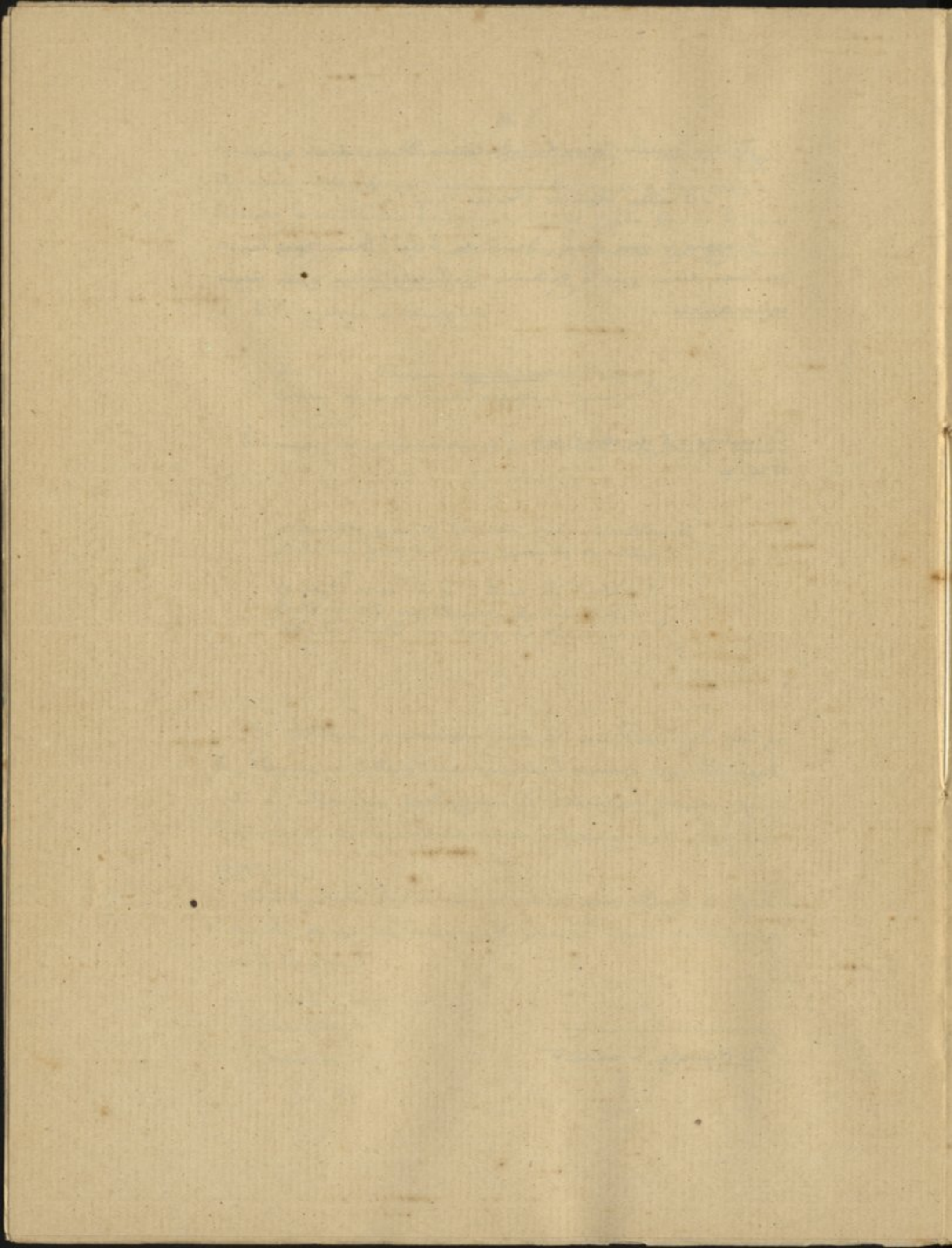
E agora o que será, Deus do Ceu! Mas não quero ter-
minar dizis que a galante negotiação que'n dizer
ignorancia.



Coinhens = 5 de abril de

1896. =

⁽¹⁾ O Hyssope — canto v.



III

= Fernão Moniz =

Tentativa frustrada de romance histórico dos
fins do século XIV.

III

James Knox

Nota:

Se me não falho a memoria foi esta
romance a obra em que primeira vez sei.

Ainda em 1895 eu procurei formar o glau-
mo, puzendo os olhos romances de Sereu-
lano, Cunha e Sá, e outros, mas só em 1896
lha dei começo afebril.

A primeira tentativa devia ter sido pelo
gincilho deste anno, como o parece indi-
car uns linguados de Jafel em que escrevi;
a segunda já tem a data de 15 de novembro
do mesmo anno e chegou alguma ás pri-
meiras linhas do capítulo IV, occultando
tudo alguma uns modestos 14 linguados
de Jafel juntado; a terceira tentativa, que
tambem só chegou ao fim do capítulo III, e
tem a data de 12 de novembro de 1897 e de-
ve ter sido toda feita nesse anno se bem
me recordo.

As diferenças que fazem umas das ou-
tras é que se não puzeram sucessivamente au-
gliando; a primeira chegou até cinco lin-
guados, a segunda quatorze e a terceira
trinta e seis. De resto, a forma litteraria
é natural que se vá, de umas para as ou-
tras, afebrilando.

Aqui vai transcrita a terceira tentati-
 va do romance Fernão Mourão; julgo ser
 necessaria a transcriçã das outras três
 que a terceira que ficou definitiva ia au-
 mentando a segunda que foi para ser annu-
 lou a primeira.

x

Neste volume, adiante, a pg 337 vai
 uma ideia do que seria o romance se eu,
 com a inconsciencia dos criminosos, o li-
 nense acabado.

Coimbra - 18 de junho de 1808.

I

O combate de S.^{ta} Catharina

O dia 28 de maio terminára glorioso para o Mestre de Avis. O valor e altivez dos seus cavalleiros e defensores mostrára mais uma vez qual a dignidade do povo de Lisboa para com o rei de Castella.

Desde manhã, de manhã cedo, que os habitantes da cidade viam apparecer por cima das collinas circumvisinhas as vanguardas da grande e poderosa hoste que D. João de Castella trazia para a subjeição do povo portuguez.

Tudo inquietava-os: porque desejosos e amigos da liberdade viam-se obrigados porventura a deixar dentro dos fortes muros da cerca. Porém, quando os castelhanos começavam o acampamento e quando o rei de Castella, em jersoa, do alto do monte Olivete contemplava o generoso da cidade que elle desejava tomar, e alguns soldados e cavalleiros viam a escureciam da fogueira e da altivez da mesma cidade do Tejo, alguns defensores do Mestre, por dentro dos muros vendo a arrogancia dos inimigos, não go-

deram contêr-se e saltando por cima das leis que o Mestre lhes iuzgou, abriram a porta, a de Santa Batharina, e ail-os desafiando os poderros castelhanos que se julgavam já de posse do saiz.

Estes, ao principio, não ligaram importancia a o rei de Castella vendo que vergahe seria deixal-os estar sem lhes fazer mal e vendo os seus cavalleiros pouco dispostos a fazel-o, elle proprio desceu a visera e caminhou para o fuchado de rebeldes; vendo o rei disposto a combater, um chusama de cavalleiros castelhanos e portuguezes renegados atirou-se á redea solta pela colina abaixo ao encontro dos portuguezes que, firmes, resistendo as lanças e os chucos e carregando as bestas, ergerãam o encontro firmes e sem medo.

O encontro foi terrivel; as lanças voaram em estilhaços, alguns defensores morrerãam; mas alguns vitoriosos portuguezes e algumas lanças ficaram tambeu a molegar e desfogar muitos elmos e enfiaduras cujas plumas ao vento virãam altivas e victoriosas mas que agora só se viãam por cima de si os pés dos ginetes ou dos rudes homemes d'armas.

A lucta, torna-se terrivel; cada vez, cada vez mais horrivel!

Uns querem passar avante, querem galgar as muralhas; outros não deixam, querem regelil-os.

Mas apesar de tudo, da heroica abnegação dos miliaes que sahãam das muralhas, dos rudes golpes de lanças ou de besta que fazem, os cavalleiros do rei

de Castella, viram recuar deante de si os seus rebeldes que os desafiaram.

O Mestre, da Torre de Ithuro Pais, olhava para tudo isto; viu a rebeldia do seu povo que lhe desobedeceu; viu a investida dos cavalleiros que já estavam perto da porta de Santo Estevão; e descendo da Torre, corre imo distancamente á porta e fecha-a.

Os de fora, viram-se agitados entre a muralha e as lanças dos cavalleiros; cobraram novo animo, as forças multiplicaram-se; investiram furiosamente contra os cavalleiros que talvez na sua fantasia já vissem os muros da cerca arizados para dar passagem aos seus fogosos corceis, á sua brilhante cavallaria. E estes, deante desses filhos do povo, a fugir, a bom fugir pela encosta até ao acampamento tão tristemente occupado.

É que esse quehado de valentes que tinha sido obrigado a combetter, duplicou as suas forças e no seu esforço fizera fugir o brilhante esquadrão de hoste do rei de Castella.

Se houvesse crime, desobedecendo ás ordens do Mestre, esse crime estava perfeitamente resgatado por o feito que praticaram. E realmente bastava olhar para a encosta do monte Olivete: uma multidão de cavalleiros e vaes subindo, mas triste e lentamente; os elmos e os brilhantes arneses e escudos vão desajudados e ruídos; os corceis que desciam galopando, ardentes, requiosos de combate, agora vão ficando mortos pela encosta.

E não foi sem alegria, certamente, que este espectáculo era visto pelos habitantes da cidade que dos altos das muralhas e dos pontos mais elevados os adivinhavam como o goro nuda do tempo adivinha o goral que não se sabia bem das suas bufonarias e visagens.

A campanha, pois, começára bem. Os prognosticos eram bons. O Mestre mostrava-se alegre e satisfeito com o seu goro que tanto lhe queria. E o sol d'esse dia, ao desagarecer podia levar consigo as alegrias de um e as tristezas, lagrimas e tristes desillusões do outro.

E' que os muros da cerca de Lisboa pram mais altos do que se pensava; e a ideia que se defendia dentro desses muros era uma ideia digna e generosa que havia de vencer a todo o transe, custasse o que custasse: era o restabelecimento da liberdade e patriotismo que agitaos os goros consceos do seculo XIV, do goro do mestre d'Aviz.

Com o acortecer, a cidade começava a socorar; os guerreiros a descansar das fadigas da lucta. Organizavam-se as soldas e sobra-soldas para o serviço nocturno nas torres e muralhas e que o Mestre se não escusava.

Já noite velha, quando a cidade estava completamente em repouso, em que o silencio só era interrompido por algum grito longinquo de sentinella de vigia num angulo ou quadrella de muralha, quem passasse ou estivesse no largo da Sé, viria vir do lado do Porto-do-ferro e caceando-se com as faredas, um

cavalleiro cujo aspecto mostrava ser ainda novo, com
 como as armas cobertas de pó e sangue dos combates
 do dia. Depois de atravessar o largo, o cavalleiro
 caminhou por uma das ruas que formá-
 vam o bairro junto á Sé e que seguia mais ou me-
 nos a parte sul da igreja.

A distancia dum credo, mais ou menos, o ca-
 valleiro parou em frente dum palacio — se assim
 se pode chamar ás habitações ricas dos fidalgos de ago-
 ra — de construcção antiga, do século XIII, todo n'
 esse bello e pesado estylo romanico de que hoje tão
 poucos exemplares existem; e tirando da escanella
 uma chave, abriu uma porta e entrou. Não foi pelo
 portal grande e profundo, com arcadas de lindos ca-
 riveis que elle entrou: foi por uma pequena porta mi-
 niada já fora do corpo principal da casa e que parecia
 ser de entrada particular.

Se o seguirmos, leitor, pois precisamos de o se-
 guir e ver o que elle vai fazer a deshoras aquella ca-
 sa-fortaleza, nel-o-temos subir por uma estreita esca-
 da em caracol cavada na espinha da parede; mas
 quando chegarmos ao cimo, o pareceremos que della se
 disprecta comfuzo-nos bem o trabalho de subida.

A escaida dava para um terrasso triangular que
 mais parecia ser angulo de muralha que recreio de
 habitação; porque duma grande altura dominava to-
 da a cidade baixa e deitava sobre as pequenas casas
 que em baixo se amontoavam. A base do triangulo
 era formada pelo parede da casa e o vertice superior

era a Torre mais palmeira do terrazo que deitava sobre as velhas casas do bairro da Sé.

O generoso que o cavalleiro, ao chegar ao cimo tinha deante de si, era amargo e triste. Para o sul, a faixa escura do Tejo, deixava-se alguma tanto, onde se reflectiam aqui e alem as luzes de algumas almenaras do acampamento, q'as vezes a extinguir-se. Se distinctamente tambem, se via uns vultos movediços que pela escuridão da noite tinham algumas cousas de fantástico: eram as mãos e galés do rei de Castella que cercavam o bloqueio da cidade para que elle fosse incommunicavel, para de fora e se rendesse. Ilusão!... Para o norte e norte via-se limitando o primeiro horisonte as collinas onde o rei de Castella acampava; aqui e alem, algumas luzes e almenaras amareladas mostravam só que era ali que estava o poder que havia de dominar Portugal; e na Torre baixa, no valle, via-se a cinta de muralhas da cerca de D. Fernando, apontando a cidade, via-se o local do combate da manha, os campos de Valverde, e a encosta do monte Olive. E isto tudo, lito, acrescentado á escuridão da noite, illuminado somente pelas estrellas, constituia um melancolico quadro.

Os arvoredos que dominavam as collinas do acampamento pareciam cygrestes, tristemente erguidos, apontando para o equi, para o outro mundo; as muralhas almenaras pareciam tambem de covinos e as mãos e galés balançando com as ondas do rio,

tinham a esquerda, sinistra de erguio caixões que se
 levavam indolentes os cadaveres para a cova...

O cavalleiro chegou ao cimo e parou: contemplou
 agarradamente tranquillo o generoso seu
 membro e depois voltou-se para a grade da casa que tinha
 uma porta e uma janella para o terrasso.

Não pegou-o, leitor, comovidamente; e se é
 nervoso algum cataprio e algum medo has-de sentir
 ao dar com o sinistro quadro; mas fortalece-te a po-
 cega que iremos espreitar o cavalleiro.

Esté, ao voltar-se, viu na janella um rosto en-
 volto em fins nuancinha e que parecia olhar attenta-
 mente para o arcaal; e tão attentamente que nem
 deu conta chegada do cavalleiro que aproximando-se d'
 ella beijou-lhe um beijo na mão que se avesturara
 fora do parapeito da pequena janella.

Isso chamou-a á vida, á realidade deste mundo.
 Olhou para o cavalleiro e os seus olhos nuscerados e
 tristes, caçados de lagrimas, brilharam com um
 brilho piucero e franco ao mesmo tempo, traduzin-
 do uma esperança de sua felicidade, uma passagem
 deste mundo para o mundo imaginário do seu so-
 nho. Era a sua profunda felicidade.

E com um sorriso triste disse ao cavalleiro que a
 contemplava mudo e poezado:

— Já te não esperava, Fernando... Julgava-te no
 céu...

E as lagrimas, sem querer, rebeberaram-lhe com
 força.

— Morder, Maria?... Ineffável!... É como que-
res que um cavalleiro do Mestre morra ás mãos de
pauzadas e traidores?

— Meu Pai viu-te combatter, rezgou-te e do-
nou, em Santa Batharina, no mais feroz do combate
e eu julguei que não aguentasses... E rezei, Ferretas, re-
zei, para saber se zela tua vida se zela tua alma...

— Seria de mais! O morte!... Não, os defezo-
res do Mestre hão de viver sempre. Sim, porque a
causa é justa e é nobre.

— Mas vejo-te agora vivo e é a minha felicida-
de... Nada mais quero...

Bom pão, leite, pão dois namorados. Irems
ouvir o resto.

— O combate foi terrível, começou o cavalleiro.
Uma chusma de jovens abriundo a porta de Santa Batha-
rina, foi desafiando os castelhanos e no agerão de paida-
da, que guardando as andeas do Mestre quis causar-
nar a porta fechada, fui um dos que fiquei fora com
meu Pai. Os castelhanos carregaram, nós aguentamos
mas tivemos que recuar; misto, atrás de nós, senti-
mos uma porta a fechar-se e olhamos: era o Mes-
tre que nos deixava fora gritando que combinassemos
nos que elle nos ensinaria a ser bons cavalleiros...
Era um castigo; era a expiação da nossa culpa o
combate que travamos. O conde Garsate Vello grita-
va já: «avante, cavalleiros, que é por aqui o cami-
nho para minha casa!» visto elle e meu Pai encon-
trarem-se; o conde atirou-lhe tal lança que elle

apesar do seu valor e força, teve de ceder e pahir de
lá em braços. Tive lá com elle; defendeu-me bem, e
eu já tinha certa victoria quando um outro caval-
heiro, garridamente vestido se veio pôr entre mim
e elle. Atirou-me um golpe com a espada, que eu
aganei no escudo e gritou-me:

«— Solte, saudeu, que esta espada é melhor que
o teu fuzil! »

« Não foi feliz com a sua arrogancia: que eu ain-
da que carregado com o peso de tantas lanças vou
de furar do meu tambor e desamagal-o sobre o seu
altivo elmo. O misero cahiu de chofre e o seu cer-
cel pendendo-se pelo dorso correu ao longo da mu-
ralha tãhuy já sua conhecida — porque o cavalleiro
cahido era um portuguez renegado. Era Affonso Ben-
nes...

— Morreu?...

— Não sei se morreu mas isso teria sido me-
lhor. Outro cavalleiro veio impedir que eu completas-
se a vingança que te jurei aqui, neste mesmo lugar
e só depois de grandes esforços conseguimos que es-
ses malditos voltassem costas á cidade que elles nun-
ca hão-de zozuar. Mas se a vingança não ficou ho-
je completa, juro-te que o será quando o tempo
se offercer. Jurei e cumpri: gloria dum cavallei-
ro do Messore.

— Confio, Fernão...

— Naturalmente, em breve, teremos outro com-
bate porque o rei de Castella parece disposto a tomar

a cidade; mas se ainda o não tiver visto, depois do cerco terminarem irei procural-o a Castella ou onde elle estiver e então o meu quehal passará pela vergonha de se rijar no sangue de um traidor.

— Que males que ussem causar cobas gentes á nossa terra! Como o cerco ficará longo!

— Mas breve será, Maria, mais breve do que se pensa. Deve ser terrível porque temos comna nós a fome e as boccas são muitas. Mas o nosso valer... oh! esse, nunca acabará! nunca a nossa ideia ha-de ser abobida por aquelle castelhano maldito!

E agachava-se o arriaisl com gesto amesquidado.

— Ha-de acabar quando Deus quizer...

— Maria!... Vou dizer uma blasphemia que Deus, de certo, zendoará. O cerco não se acaba quando Deus quizer, mas sim quando nós quizermos!

As mãos continuavam no seu triste ondular; o vento norte fresco e vivificante trazia o languiquo murmúrio das folhas das arvores que fazia mover; e as estrellas, no infinito, brilhantes, e luzir, continuavam no seu gesto como que a guardar, como penitellas deste mundo.

— O tempo em que estamos, Maria, combinou o cavalleiro, já não é o tempo em que mandava o rei franco e a vil barregã que se chamava rainha; não! muito ao contrario! Hoje é nossa frente, e protejer-nos e o mandas-nos, temos esse santo Mestre que ha de ser o nosso rei e o nosso alvaras, esse cavalleiro novo, semelhante aos au-

tigos gladios, aos cavalleiros da Tavola-redonda como tenho lido nos livros de cavallaria. Hoje, já aquelles malditos não entraram assim no reino, como entravam, sem o rei lhes pahir a causa por covardia; não, os defensores d'agora olham frente a frente os inimigos, sem nunca lhes voltar as costas; ousam desafiar-os cara a cara, como hoje se viu. O Mestre enfim, vencerá, e saberão esses malditos quando elle velle.

— Deus te oiga, Fernão... Mas o cerco, o cerco... se elles entrarem na cidade...

— Entrar na cidade?!... É temer o impossível Maria! Isso perie a purpurea gloria e que pericam indignos d'ella! Não, de modo algum, isso não se realisará. Dentro da cidade todos trabalham. Os homens, velhos e novos, no defeza das muralhas e bastiões; as mulheres também trabalham e cantando e os frades, quando ouvem os gritos das muralhas chamam ao combate, deixam o silencio do claustro e veem com as melhores armas defender o recinto atacado, como guerreiros experimentados. O Mestre mostra-se sobriofeito e a sua victoria, em breve, será allegada por todas as freguesias. Um alvares lá ainda pelo Alentejo em busca de castelhanos, adiante do seu pequeno hoste, para ver se consegue para o Mestre aforrar-se do que disse tambem lhe forance. Enquanto estes dois cavalleiros estiverem comnosco, o nosso estandarte ha de continuar sempre victorioso.

O cavalleiro calou-se; o vento continuava a trazer as modulações estranhas das flautas e das arvores proximas que se ia juntar ao murmurio do Tejo roçando pelas pedras do caes ou pelas arvores das florestas castelhanas, e lá ia zangar o pul, caminhando raído, levar esse murmurio nocturno. E as estrellas no infinito, com a sua igualdade inmensa, eram como que as caudeias que a Natureza disfarçava illuminar o mundo.

— A noite zangava depresso, Fernando. Parece-me que zangava alem, já vejo o horisonte mais claro, disse a dama.

— O dia em breve virá e eu zangarei. O Mestre que está rondando as muralhas esgana-me; combeu-me tudo, Maria, abri-lhe o coração para elle me dar a licença de vir ver-te. Mas demorei-me de mais e devo já zangar. Adeus, que breve voltarei a, ver-te.

Deu um beijo na mão da dama e mettendo-se pela escuridão escura, desapareceu.

Maria recolheu-se e fechou a janella; e ajoelhando em frente duma estatua da Virgem começou a rezar fervorosamente por Fernando, o cavalleiro esvanecido e pela sua terra.

E se — quando o Sol desgranando no Occidente, veio dar vida e luz a toda a natureza — esgarrámos pelo zangar da janella, vel-e-íamos ainda, devotadamente, a rezar.

II

Cinco meses antes.

Depois do rei D. Fernando morrer, uma das coisas em que mais se fallava entre o povo e nobreza era a morte do conde de Duran, João Fernandes Andeiro.

A « má fama » que havia das relações entre Leon Telles e o conde, ao principio era dita em voz baixa, como coisa ainda incerta; mas agora, depois principalmente, da morte do rei, esse rumor tornou-se em censuras e reclamações ditas em altas vozes para quem quizesse ouvir; e em breve, esse proceder do povo tornou-se quasi geral, esganhou-se zelo feroz.

Era o povo querendo vingar com um assassinio a deshonra do seu rei que tambem accusethára mas que nunca lhe deu ouvidos; era a desaprovação da arraya-menda que não queria que o nome e a linhagem do rei rei fosse insultada pelo fidalgo galego que se introduzira em Portugal em busca naturalmente de fortuna, como um aventureiro.

Os tumultos que houve pela morte deste aventureiro são daquelles exemplos que mostram e determinam o caracter de um povo. Porque o povo de então, do fim do seculo XIV, não tendo ainda a concepção e as ideias do que era a liberdade que foram agregadas só quatro seculos depois, tomava o rei como seu senhor natural, como o possuidor das suas vidas e dos seus bens, como o seu unico senhor neste mundo. E assim ia vivendo contente e satisfeito, resignando-se com a tyrania enquanto esta não excedia os limites de sua paciencia. Porque, se exceder, a amizade e o amor eram coisas que desalojavam do coração popular para dar lugar ao odio, á vingança, á desconfiança.

O povo português — o possuidor das mais heroicas tradições — foi desde o seu nascimento sempre fiel aos seus reis, sempre seu amigo. O seu rei e o seu senhor, eram o seu almejo. Foi sempre docil e facil de dominar porque a vontade do rei era a sua vontade.

Descontente com a justiça e rectidão de dynastia de Affonso I e á sua relativa liberdade e aos liberalismos do seu querido rei justiceiro, extranhara muito ~~o~~ o governo do seu successor que, não attendendo aos seus conselhos rejeitados se precipitou e ao seu povo em questões graves e de que se sabia sempre mal.

Mas o seu povo — o do rei formoso — lembrou-se que elle era o filho querido do seu rei

D. Pedro e não queria que, de modo algum, a honra de sua linhagem, fosse suje ou mesculada; e incorrendo em perigos elle acceusethave ao monarcha o que devia fazer.

D. Fernando, depois de rei, apaixonou-se — parece que sinceramente — por Leonor Telles; d'aus de sua irmã; e levou a tal ponto a sua ~~ira~~ paixão que intentou casar com ella. Saltou por cima de todas as difficuldades: não othou a que elle era já casado; não othou a que tinha já prometido o casamento com a filha de Henrique de Trastamara; não viu as inconveniencias d'isso e os transtornos que podia causar para o seu reino; fechou os olhos a tudo e os ouvidos aos que o acceusethavam e quiz casar com Leonor Telles. E o seu povo greveudo tudo foi em tumulto e em grande grita ao goço, a acceusethal-o; o rei não o quiz ouvir e fugiu para Santarem depois de ter faltado á sua palavra.

E o povo resignado, greveudo a vingança, sujeita-se a tudo, e até a ver o alfaiate arader deitado durado na forca com as mãos deceladas, como paga dos seus bons conselhos e prova de tyrannia do seu senhor.

Depois o rei aventura-se numa guerra desastrosa com Castella; o reino é devastado, o govo é roubado. Mas é ainda este que lança mão das armas, que esquece as injurias e máis tristões que soffrenha, e vai pressuroso defender a sua patria e o seu reino que o não quiz attender.

É que a amizade do Zoro é certa e é franca e sincera, como é franca e sincera a alegria dos canções, dos grades e dos arvoredos; e é certa como a de um cão fiel que não perde os gongalés e as chitadas do dono e faz quem arrisca a vida se for preciso para que este continue a viver para o cumprimento dos máis tratos.

Mas o rei nada viu e nada attendeu; e o Zoro resignou-se.

Chegou Zoro a hora que o destino tinha marcado para o final da existência desse infeliz monarcha e o Zoro então fez valer as suas forças, mostrou-se altivo com os seus direitos. É então que o Zoro é terrível: Zoro, semitendo a uma tempestade que se condensa a Zoro e Zoro e que do do um certo abalo ella irrompe furiosa e ao mesmo tempo admiravel e sublime, o Zoro, deixando acumular as injurias e tyrannias, esperou pela morte do rei para poder tirar o desagravo da sua dignidade offendida:

É que a liberdade de quando a quando illumina-o, inspira-o, aferra da rudeza da esocha que afogava em as allucinações e desejos do Bem-estar e do Ideal, nos actos injuros da realidade deste mundo.

Era pois preciso vinggar com um ou mais assassínios as injurias e agravos recebidos auctoriamente; era preciso procurar novo modo de vida, novo rei, Zoro o governar melhor, Zoro lhe dar

mas garantias da sua liberdade. Era preciso que uma victima se ligasse a ella do monarcha. E a victima designada ha muito e escolhida era o conde de Ouren, João Fernandes Andeiro.

As suas relações com a rainha, a sua preferencia ~~do~~ no governo e alem disso as suas qualidades de estrangeiro e aventureiro, tornavam-no de tal modo ambiguo aos olhos de todos que a sua morte ha muito estava preparada.

Com o fallecimento de D. Fernando os accan-
tecimentos precipitaram-se: o unico herdeiro legi-
timo era a rainha de Castella e o governo do reino
estava nas mãos do conde.

A ira concentrada do povo desenvolveu-se en-
tão: não quer nem um nem outro. Prezelle a ideia
da subjeição estrangeira e odeia o governo do con-
de. E para resolver a questao o que era preciso?

Uma victima!

E essa victima estava de ha muito designada:
o Andeiro. Morrendo este, o povo ficava com me-
nos um inimigo. E foi o que aconteceu.

Já em vida de D. Fernando se projectara a sua
morte; mas D. João Affonso, irmão de Leonor Tel-
les, que o beneficiava fazer, não se pôde bem. Va-
rias tentativas houve mas a verdade era que
não tinha podido. Esse feito só cumpria ao Mestre
de Aviz.

E de facto, um dia, apparece-lhe o popular Alva-
ro Pais, o velho chanceller de D. Pedro I, dizendo que

só a elle conueltia o feito, elle, que mais que nenhum outro era interessado, quer vingando a honra de sua irmao, quer satisfazendo a vontade do povo e a segurança da sua propria vida.

O Mestre accita a arriscado empresa mostrando, como diz o chronista « a differença dos filhos dos reis aos outros homens »⁽¹⁾ e no dia seguinte é para a fronteira de Ribas d'Odiana, volta a Lisboa dizendo que levava pouco gente entrando na cidade pela madrugada do dia 6 de dezembro de 1383.

Agora, leitor benevolente, visto estares com pouco ao facto do que necessitavas saber antes de assistirmos ás desordens deste dia, não deixaremos passar nada desapercebido, seguiremos constantemente o Mestre d'Ibry neste notavel dia; assistirmos a um desses momentos de furia popular que tornam terrivel e ao mesmo tempo admiravel — o povo.

Entrado na cidade e tendo mandado recado a Alvaro Pais, o Mestre dirigiu-se logo para o joço da rainha.

Do púlbis e escada tornou-se geral entre os cavalleiros que o acampanhavam o fim que ali o levava. Grande estrepito e profunda impressão causou no povo a entrada de tantos cavalleiros armados em gl'no tempo de paz; mas não menos medo e temor pôz no coração do conde d'Ourém e da rainha.

D'entrada dos cavalleiros no campo real, entra

⁽¹⁾ F. Lopez: Chronica de D. João I — Parte I, cap. VII.

do que não gauda per iudgedida zelos garbairros, aquell
 le estava de joelhos — talvez em adoração — aos pés de
 D. Leonor e « começava de lhe fallar garramente... »
 diz o nosso velho Fernán Lopez; ⁽¹⁾ estavam tambem cu-
 tros cavalleiros sobre os quaes o conde de Barcellos. A
 entrada causou alvoroço mas a rainha afanando
 semelhe perenidade gonzubou a razão dessa entrada
 tão brusca e tornou muito o costume dos ingleses
 que nunca entravam armados em ajouros de da-
 mas. O Mestre rezgoudeu-lhe que não levava gente
 sufficiente para a defesa da fronteira de « Entre Tejo
 e Odiana » que lhe estava confiada, sendo este jedido
 notisfeito pela rainha.

Parou, o conde de Ouren, grassigave desgraça; o
 seu coração não estava sereno; comidou o Mestre
 para comen consigo, o que não foi accete algian de
 ser jedido com instancia.

Talvez tremesse quando, querendo ir-se embora,
 o Mestre lhe disse que ficasse, que lhe queria falar; e
 mais tremeria quando o levou ao vão de umos gar-
 ta festa e lhe disse:

— Conde, muito me admiro de, sendo eu vos-
 so amigo, vos trabalhades para o minha deshonra e
 morte...

O conde quiz desculpar-se; não teve tempo: o ju-
 rral do mestre d'Ariz roara rufido do seu peito ja-
 ra o ferir no cabeça. Tentou fugir. Debalde!...

⁽¹⁾ Chronica — idem, cap. X

Ruy Pereira bem viu o movimento e o seu esboço que d'armas era bem fino para que não restasse lugar aquelle a quem fosse agarrado.

E assim, deshonradamente, morreu esse aventureiro gallego que tornou bastante o período em que vivemos.

Estava acabado o feito; o Mestre d'Armas tinha vencido; estava preparado para ser recebido pelo seu governo, para se lançar nos seus braços fiéis e seguros que o haviam de aclamar e elevar ao pedestal quando da monarquia. E podia lançar-se sereno e seguro porque os braços gallegos eram pínceros no seu auxilio e não fraquejariam senão morrendo; a alegria do povo vendo triunfar o seu defensor era espontânea e fiel e a sua força, neste momento, valeria mais que um exercito disciplinado.

O exercito muitas vezes traicão; o povo nunca, e esse gallego foi sempre fiel á sua glória, seguindo sempre os princípios da justiça que elle julgava.

O Mestre, antes do morte do cande, prevenido das consequencias, deixou um gogem á porta do Jaco, para que na occasião em que elle restasse o Ardeiro, este corresse pela cidade até á casa de Alvaro Paes dizendo que restavam ao Mestre e que acudissem!

O alvaroco, com esta noticia, foi grande; o governo começou a juntar-se em volta do Jaco; queria ver o Mestre, exigio-o, pedindo entrarem á força.



As portas fechadas davam maior certeza ao que se dizia. A grita augmentava. Das ruas vizinhas do Lago uma multidão sahia para se juntar á que já estava, trazendo algueiros, carneira e lenha para deitarem fogo ás portas se preciso fosse.

Debalde lhes berravam de cima que o Mestre estava vivo, que se sacrificassem; nada conseguia acalmar o espirito exaltado pela violencia feita a uma das suas mais caras pyulgas; nada os rocegava nem a vista do Mestre.

Este, enfim, resolveu mostrar-se; vendo que nem isso o povo entraria no Lago á força; e chegando a uma janella, mostrou-se aos olhos do seu povo querido. O que então succedeu: as alegrias e lagrimas de alegria do povo, as aclamações de júbilo, os doestos que dirigiam á rainha, as grous de pyulgas, tudo pelo Mestre, descreve-nos o nosso ingenho christão numa locução excellente e comovedora da sua grossa pimbla e insinuante.

E o Mestre, pegado do amor do arraye-mendo, montou a cavallo e, levado em triumpho, foi para casa do conde João Affonso, onde tinha combido ir comer.

Nas ruas povo e nobres se cotovelava-se, discutia-se, fallava-se alto.

Depois do Mestre ir para casa do conde, entre a multidão nas ruas, dois othares inimigos encontraram-se; inimigos certamente, porque o brincho raído e fugitivo que de ambos os othares esca-

que, mostrava que algum abysmo, abysmo fundo, havia entre elles. Fixaram-se mutuamente, por alguns instantes, porque a multidão pegou-os no meio do alvoroço.

Um dos othares era o do cavalleiro Fernão Moniz um dos que acampanhou o Mestre quando entrou no Saco; o outro era o do escudeiro Affonso Barros.

O povo continuava no seu alvoroço. Os ricos rejicavam todos em signal de alegria; mas regredindo-se que a Sé era a unica igreja em que não rejicavam, os alvoroçados reclamavam-no. Mas, o bispo D. Martinho tinha a desgraça de ser castelhano e ai d'alle se a ira popular se lembrasse d'isso! O respeito e a inviolabilidade da Igreja eram desta vez violados nomeadamente para a satisfação da vingança.

E de facto, o povo entrou e fozes na Sé, por uma fresta e procurou o bispo que fugiu a acotchar-se á Torre mais alta que tinha na sua cathedral; mas a Torre mais alta que fosse, a sua morte era certa porque não tardou e ser derribado do alto para a rua onde se amotinavam os populares.

O cavalleiro Fernão Moniz que no capitulo antecedente o leitor e eu ouvimos fallar com uma dama num terrasso solitario do bairro da Sé, deixara-se levar pela onda; assistira ao tragico fim do bispo D. Martinho, viu o seu cargo depois de largado vir roçando pelas grades de madeira e as pedras da velha cathedral até cahir como massa inerte no meio da rua e ser depois maltratado e des-

zido gelos que estavam em baixo, é esgêra do des-
gojo.

— É tudo isto causado pelo Mestre! disse uma
voz indignada bastante, adoz della. — Parece-me
que o matava!

Ternad conheceu a voz. Voltou-se: era Affonso
Baines.


— É porque o não fazeis? O Mestre está em casa
de João Affonso; ide de grama que o encontrareis...
Lhe valente que pois!...

Arrojado era — audacia até — o que Affonso Bai-
nes dissera. Um simples escudeiro, no meio do
zoro enfurecido a querer insultar o Mestre a um
dos seus cavalleiros!

Extranheza causará, de certo. Mas ouviremos o
resto, leitor:

— O dia já está bem cheio, continuou o escudei-
ro; não é preciso mais.

— Já esgêra a desculpa, Affonso Baines...

— Desculpa? Não, de modo algum! O meu ju-
rihol é que se recusa a  pejar-se em sangue de
traidor!...

— De traidor?...

— Sim, de traidor! D'um homem que entra
num jogo de rainha com cavalleiros armados e
ataca um cavalleiro indefeso, é tração, nem não
de uma presta! Será leal, isto?

— Olha, Affonso Baines que não estás sozinho:
vede este zoro, em volta, em furia...

— O zovo!... oh, não o tenho! Sua mulher!... Sua
 fará elle? meter-me?... oh! é grande a foga! Um
 contra tantos...

— Se não tendes medo á morte, eu é que não que-
 ro ouvir essa galanaria de traidor. Se a rejeitís, e vos-
 sa vida correrá perigo.

Fernão levára á mão ao cinto da espada; Baumes,
 de juizal em juizal esgravaa láhez o ataque.

— Julgades que vos tenho, cavalleiro? Disse o escu-
 deiro. Por Deus!... Não a vós nem a muitos traido-
 res como vós! Ide chamar o Mestre para que vos acu-
 da...

— Ah infame, que vae fazer caro o que disseste!
 E Fernão avançou para elle.

— Entrega o teu juizal, que eu te farei castigar
 como mereces, vil traidor e pândeo!

— Não te tenho, Fernão, não te tenho! E não te
 tenho porque sei que vae a deshonra a um terrasso
 solitário por detrás de Sé falar com minha dama...

— Sil!...

— Sim, com minha dama que tu deshonraste,
 que hoje, minha querida se te entrega nos braços
 seu infame mancabia. Ah! a fé que sei tudo, que
 violaste a honra e pureza de aquella casa, da casa
 da Vasco Martins que, velho trojezo, ignora a gerdição
 da filha.

— Covarde! que vae ver o que vale a minha es-
 pada! Defende-te!...

Fernão tirou a espada, mas Baumes auxiliado pelo

multidões gozde escalar. O cavalleiro de balde o grou-
rou; ~~mas~~ teve de resignar-se a deixar fora outra occasião
a sua vingança.

O povo continuava nas correrias. Tudo que fosse
castelhano era coisa gendida; e gritando e gesticulan-
do, refulindo a ideia da subjeição a Castella, e o gover-
no da Rainha, a massa popular começou a abraçar
fora a noite guesando e pouhando que o unico salva-
dor era o Mestre d'Alviz, o seu messias.

Mas, leitor, deixemos o povo nas suas correrias
e desvarios e vamos ver o nosso cavalleiro Fernão
Muniz que se travára de resões com o esendeiro.

O cavalleiro continuou seguindo o povo, talvez
em busca do seu inimigo; e quando chegou a noite,
se o seguiramos nel-o-lemos ir ao mesmo terrasso a
que foi no antecedente capitulo e falar com o mesmo
dama.

Contou-lhe os incidentes do dia, a questões que tí-
vera; e as injurias que lhe foram dirigidas a elle e a
ella. E declarou que ali fora fora lhe dizer que a inju-
ria havia de ser vingada; não havia, nem podia ficar
injume. Os seus brios de cavalleiro e de fidalgo
inguehavam-lhe a desfronta; as antigas tradições de ca-
vallaria, dos bellos tempos, ainda lhe brithavam e se
mostravam vivamente no seu espirito juvenil e be-
llicoso. E a honra e a de linhagem de seus avoads,
se não poderam ficar sem moda, nel-o-hizeram com o
tempo.

— E, terminou o cavalleiro, tendo for testemunho

as estrellas que nos veem e Deus que nos vigia! 8'
juramento d'um cavalleiro do Mestre.

E despediu-se e desceu do terrasso.

Tempos depois, o cavalleiro Fernão Moniz soube
que o seu inimigo e difamador se refugiara em Cas-
tella e se collocara ao serviço de D. João I.

E quando este rei veio com o seu grande e robar-
to exercito çôr cerco a Lisboa, soube tambem que o es-
cudeiro vinha malle, mas ja elevado ao grao de ca-
valleiro.

III

Os Menezes

No sul da provincia do Minho, numa colina sua
me, coberta de viciosa mendena e cofado arvoredo, na
margem direita do Douro, via-se sub'horis, no tem-
po desta nossa historia, o vasto solar dos Menezes.

Assentado altivamente numa colina soberan-
ceira ao rio, tinha ante si o generoso soberbo que
o Douro apresenta com a sua corrente triste e escu-
ra, e as suas margens escaroadas. Já bastante de-
cahido da sua antiga nobreza pelo abandono dos do-
nos, ainda aviam deixava ver as suas janelas ele-
gantes, com as suas ameias comidas pelo sol e pe-
la agua, a fonte levedica, o portal grande encima-
do pelo brasão dos Menezes, as torres esguias e sus-
grecidas que o rodeavam talvez para vigia em caso
de guerra, e a cruz rotunda e imovel da frontaria
de cagella abrindo os braços cheios de musgo, ao ven-
to e á chuva.

Se elle estava de credito não era certamente pela
descendencia da familia, mas p'isso pelo abandono e

que o entregáram, deixando crescer a hera nas
paredes e o musgo pelo chão.

Foi neste polco que viveu a illustre geração que
teve o nome de Menezes; geração illustre que deu
guerreiros infatigáveis e invencíveis como deu Jo-
ão incanahendidos. A nobre e nobre, esta familia
auxiliara sempre os monarchas portuguezes nas
suas guerras e conquistas, com o seu troço de ho-
meus d'armas e besteiros.

Gonzalo Vasques de Menezes, um dos heroes do
Salado, deixara o seu vasto polco das margens do
Douro, para ir viver para a corte, para o rei
Affonso, o bravo, que muito o estimava; e é este
o Joao de Vasco Martinho de Menezes o velho guerre-
iro que combates no primeiro castelo; ten combati-
do na porta de Santa Catharina e domo do case for
de trás da Sé onde viu combater um cavalleiro, e
de honras, fellar com uma dama.

Gonzalo Vasques era viuvo: sua mulher moirana
ainda nova, deixando no mundo dois filhos entregues
aos cuidados do Joao.

O mais velho era um puaucelo de vinte e quatro
annos, forte, activo, intelligente, descubriendo-se n'
elle os dotes e caracteres phyzicos e moraes que distin-
guiram os seus antepassados.

Chamava-se Martinho Vasques: e annos de jo-
vellido Joao D. Fernando, tinha mostrado que sabia
sustentar o bris do grande ardeur medieval.

Podemos bem dizer que Martinho era o verdadeiro

tygo do cavalleiro. Valente e intrévido como seus avós, muitas vezes extasiava-se deante de sua rota e velha armadura que pertencera a seu avô e que elle tinha levado á batalla do Salado, e de um estandarte mouro esfrangalhado, feito em Jeddah, que se mesmo guerreiro em risco de vida aprehendera ou antes, arrancara das mãos de um capitão mussulmano, no mais íntimo do refrego no mesmo navel dia 30 de outubro de 1342. E extasiava-se perante estes trophéos de uma victoria que via naquella armadura quasi a desfazer-se o feito notavel dos christãos e deduzia das aneddotas do elmo e do arnez, dos brasões do escudo e da desornia dos bracos, a valentia de seu avô, o impeto com que elle, certamente se lançou aos esquadroes dos defensores do crescente, para depois de innumeros golpes de esgada e de montante, arrancar das mãos de um mussulmano o estandarte de Meshomet. E o seu espirito voava-lhe já para o meio de batalhas, envolvido por inimigos para fazer um avanço heroico, depois, os afastar e ter as suas rendições a ideia que defendia.

Como tal elle era um fervoroso admirador de alguns heroes a quem tinha scenographado, quando novo, n' algumas aventuras guerreiras.

Martin Sargues, jovem, se acausava as aventuras guerreiras, não era para a conquista da gloria, para o seu nome correr mundo, formando laudo, de bocca em bocca; não era, para a volta do triumpho poder

merecer os olhos de certa gentil donzella que o de-
veria escolher indolentemente. Não era nada d'is-
to. Martin procurava a gloria realmente, mas glo-
ria que só elle comprehendia, gloria só para si, para o
seu inbimo.

É não queria mais nada, porque para elle, o ter
vencido em combate era a felicidade a chaval-o,
uma satisfação para o seu alma.

É era assim que elle comprehendia os feitos de
guerra, as aventuras que muitos faziam somente pa-
ra serem conhecidos ou para converter em grande
gorgio.

O outro filho de Vasco Martins era uma glante
donzella de tres annos e menos que seu irmão.

Certamente, leitor, já o conheço, porque te has de
lembrar de uma dama que falou, num terrasso polita-
rio, a um cavalleiro. Essa dama é precisamente a
filha de Vasco Martins.

Desde muito nova mostrava que a sua bellas ha-
rie de ser notavel. É realmente com a idade, a sua
formatura foi-se desenvolvendo, causando admira-
ção aos que a viam.

Desde nova que frequentava a corte e ali eram mu-
tos os cavalleiros e escudeiros jovens que a reques-
tavam. Elle fora garcia insensivel a tudo: os seus
olhos negros que eram ansiosamente aproveitados.
Zelos adoradores garcia que se não fixavam em
nenhum.

Chamava-se Maria Sargues de Menezes, e desde

a infancia jurava além de formosura outras qua-
lidades que a tornavam preferir ás outras damas do
Rei.

Intelligente bastante, ingénua e piçarra, não en-
contrava até aos seus dezoito annos — que já era mu-
lher para o começo da infancia mas que já ella era
talvez já a idade madura — uma alma que a conhe-
cesse e que elle visse que era piçarra como a sua;
porque, odiando completamente a hylocrisia que via
em muita gente, só podia amar aquella cujo carac-
ter fosse um thesouro precioso como julgava o seu.

Nos dezoito annos a sua vida tomou novo cami-
nho com o algarecimento do que ella portava, com a
conversão em realidade do seu sonho puro e ingé-
nuo. E podia considerar-se feliz porque raras na ter-
ra tem essa felicidade.

A chegada á corte d'um jovem escudeiro foi a cau-
sa da sua mudança na vida. A chegada do escudei-
ro Fernão Moniz foi a queda do seu sonho, o seu
desalgarecimento, já para alguma algarecer a figura atra-
hente do escudeiro, com os seus olhos negros e fun-
dos, brilhando notavelmente, e mostrarem o claro
brilhante e intenso que se acomodava no interior
do seu cerebro; já para alguma ver os seus olhos
insinuantes e apaixonados que ella a esse aque-
tava, como se a magnificassem.

E os cavalleiros e escudeiros jovens que na corte
a requiravam em noites de esplendidos parais ou
em torneios brilhantes, viram que ella, se era insen-

sivel aos seus olhares não o era a esse escudeiro adveiticio que elles odiavam. E odiavam-no João que não comprehendiam o amor que os ligava e a commençação que havia nos seus desejos e adorações juvenis.

Porque o amor de Maria era simples e sincero; era a sua gloria alia mostrando o quanto é bello um amor assim: desinteressado e ingenuo. Elle amava Fernão Moniz como se de amor umos alios superior é sua especie.

O odio de que o escudeiro foi alvo tornava-se maior dia a dia. Dentre os cavalleiros e escudeiros rivaes de Fernão sobressalia um escudeiro, moço como este, que estava ao serviço de D. Fernando e que João excellencia audacioso e vil, varias vezes se esbovera para travar de rasoas com Fernão.

Este escudeiro, Affonso Canaes ou Affonsaemes, invejando a parte do seu condegnheiro, e vendo que nem um momento nelle se gozava a vista de filha de Vasco Martins, ganhou-lhe tal odio que de tudo se ria calar João ver o seu rival aniquilado. Esta rivalidade durou muito tempo quasi latente mas tempos antes do começo da mesma historia o odio de Canaes começou a manifestar-se até quasi virarem ás mãos. E com a morte de D. Fernando fôz a razão de que este arriária cavalleiro Fernão Moniz e deixara em escudeiro Affonso Canaes, mais se modificou o odio.

E devo-te recordar, leitor, aquelle dia de tumulto fôz a morte do Bradeiro em que abertamente se de

clarou a rivalidade entre os dois chegando quasi a br-
tarem-se; e foi isto a causa do juramento feito no tempo
do já morto conhecido, pelo cavalleiro Fernan Meoniz
e que esteve quasi a ser cumprido no combate da Jor-
ta de Santa Batharina, como já disse no principio
capitulo.

Está a dizer que ao principio gozava a felicidade
dos dois nomeados, em breve se tornou tambem
agradavel e pythagorico ao velho Vasco Mantua, que
já velho e cansado desejava que sua filha fosse casada
que a um cavalheiro digno do d'elle.

E quando conheceu Fernan Meoniz e sabendo que
era elle o escolhido por sua filha, elle entendeu que já
nada tinha a fazer neste mundo: só tinha que espe-
rar pela morte. Mas, velho e alquebrado entrava
ainda em combates, ainda fazia sentir os golpes de sua
espada que tão temida fora em outros tempos quando
a idade juvenil e ardente e o entusiasmo bellico
o faziam correr ao campo de batalla defendendo a pa-
tria ou o seu rei logo depois de vencer os tenes oha-
res daquella que sua vida fora sua mulher.

Combatêra nas varias e bem escusadas guerras
do reinado de D. Fernando; fora sempre um dos seus
melhores cavalleiros desde o principio até ao fim do
seu governo e conhecia bem os enredos e intrigas po-
liticas logo que varias vezes fora victima dellas. Nas
guerras tornou-se sempre notavel; resistiu quanto
poude ás invasões que D. Henrique de Trastamara
fez no reino e á do adeantado Pedro Sanchez; e

com D. Henrique Manuel foi um dos que soffreram a derrota, meus cilsos, Zento de Barcellos.

Quando, depois de morte de D. Fernando, D. João de Castella veio Zãr cerco a Lisboa, e quando poubu que a vanguarda estava já sobre as muralhas da cidade, foi um dos que, emergendo a armadura, se aghessou a ir tãr com o Mestre Zãr por elle combatter e vindo-se mettido no algibeã causado Zãl pãhida de alguns honras de armas, ficou tambem com Fernãõ Moniz, de fora das muralhas, como já sabemos, leitãr amigo, Zãl Zimẽs capitãl.

Era Zãntãnto um honra que ainda conservava em rigor todas as suas facultades, que tũha ainda o carãlho bastãntẽ forte e seguro Zãr Zãder, agher dos seus pãssãntã e tantos annos, Zãntãntã actõs Zãntãntã duras outra edade mais viril. Nãõ era só, Zãntãntã, o carãlho que elle tũha forte e seguro: que as suas mãõs ainda segurãvam e manejavãvem a esgãda ou o montãntẽ; como um cavalleiro na flãr-da-edade.

Atũnda mãõ cedia a Zãntãntã aos cavalleiros moços que elle via em volta de si.

Mãõ, leitãr, se é camflãcentẽ e benãvolã, tũmos de voltãr as terrãssõ andã fãntõs no comẽco desta histãria.

Lembrãntã-te, de certõ, de interãvistã que houve entre Fernãõ Moniz e a filha de Vasco Martins, no dia em que os castelhanos chegarãvem a Lisboa, Zãntãntã a cercãvem. Pois tũmos de seguir o cavalleiro Zãntãntã um bo cãdo: depois de descer a estreitã escãda em carãcol,

caminhou encostado ás paredes ao longo da rua até ao largo de Sé e dirigindo-se para a Porta-do-ferro caminhou de pois para a nova muralha, para o sitio, onde, segundo elle dizia, estava o Mestre, de rende, a esgaral-o.

Mal Fernão tinha tempo de chegar ao fundo da rua, quando do lado oposto appareceu outro cavalleiro completamente armado e cujas armaduras tinha signaes evidentes de combate.

Quando chegou ao profundo portal romanesco do Galacio parou e bateu ao de leve. A porta abriu-se, dando lugar ao cavalleiro que entrou.

Um faggo, com um brandão acceso estava dentro e desceando, com esta luz o cavalleiro que entrou vemos que, novo ainda, elegante e pyndastico, denotava pelo brilho dos olhos, intelligencia fora do vulgar. As armas tinham cobertas de pó e sangue, sem duvida por causa das luctas do dia; e a ergada cheia de bocas mostrava bem que não fôra inutil o seu exercicio.

O faggo, cheio de porreos, esfregava os olhos e aticava ao mesmo tempo a luz ja murcha do brandão e respondem por entre dentes e esboceando, ao seu senhor que lhe perguntava logo ao entrar:

— Meu pe?... ainda vive?

— Ainda, meu senhor... responderam elle.

O cavalleiro subiu a larga escadaria tagada em angulo recto e que por debaixo das abobadas geradas levava ao primeiro andar.

Certamente, leitor, que já adivinhaste quem era o cavalleiro de que fallamos; mas se ainda tens duvidas vamos já tiral-a: era Manbim Vasquez, o filho do velho Vasco Manbim.

Subiu a escada e dirigiu-se para um corredor lateral para os seus aposentos onde ajudado pelo fagão trocou a armadura que trazia por um vestuario da eschoa. Foi depois a um outro quarto a cuja porta estava de guarda um fagão particular do velho guerreiro que afastou o regosteiro á sua passagem. Manbim entrou num quarto triste, sobre o canchido, tendo algumas das janellas voltadas para o nascente. Era deus notavel simplicidade.

No meio, um leito erguido e estreito rodeado de alguns tamborettes. No fundo, encostado á parede, um anelto armario de madeira; na parede fronteira pendurada uma armadura cheia de sangue e escaralhada. Como ornamento, porembe um pedaço do leito numa parede, estava pendurada um retrato em madeira deus penher e que, com a que mi canchido ausencia de luz, tomava formas varias e estranhas o rosto ingenuo e lindo de donzella que elle representava e que era a esposa de Vasco Manbim.

Manbim, entrando já ante si, dirigiu-se para o leito onde estava estendido o seu fagão. Este, apesar da falta de luz, conheceu-o e exclamou com visivel alegria:

— Graças ao Senhor! Tu... vivo! E Fernão?...

— Fernão, pai que está vivo e que combateu na
 parte de Santo Estarém, rogando a Martin, bei-
 jando a mão magra e escura que seu pai tinha dei-
 lado de fora da roupa.

E depois perguntou:

— E Maria?... naturalmente morreu. x

— Eu pai!... É possível que esteja e estas horas
 chorando por Fernão... Valente rapaz! Leal cavallei-
 ro! São como elle, Martin!

O velho, estirado no leito, com a face cansada e ge-
 lida, tinha um aspecto de tragico. O seu rosto enrugado
 e enrugado, com os olhos meigos e brilharem den-
 tro das orbitas, com o cabelo branco revoltado, sobre a
 brancura do travesseiro e com a quasi escuridão
 que havia, estenderia outro que não fosse Martin
 porque o seu aspecto era o de um cadaver que se le-
 vantasse do túmulo, fallasse e abrisse os olhos.

Mas Martin era forte de nunca mais fugir ester-
 rorizado; lançou de um tamborete, pendeu-se á cabe-
 ceira do leito:

— Combateste hoje, Martin?

— Combati na parte de Santo Estarém mas a lu-
 ta ali foi insignificante e não pudemos mostrar
 que eramos cavalleiros defensores do Mestre...

— E foi por causa d'elle que eu fui ferido cau-
 bado e que aqui estou estendido sem me poder
 ter eu já porque a espada do irmão da rainha veio
 ferir-me fortemente a côxa direita. Saucha! qui-
 tou elle ao fazerme particular: não dormir que te

desjeuno por agora. Podes retirar...

Sancho retirou-se; e quando os seus passos deixaram de soar ao longo do corredor, o velho guerreiro pegou nos pés de Marbim e começou-lhe a dizer, gravemente, conforme as forças já debeis:

— Ouve-me, Marbim... Brevemente, como vêes, morreu... Não resisto à ferida que é profunda; os phy-sicos nada dizem que me traga um bocado de esperança... É porventura Jesus em Maria... em tua irmã, que, se não fosses tu, ficaria no neste mundo... e sem protecção... Sei que ella ama Fernão e pai que os dois se comprehendem... Defende-a com a tua es-pada que é leal como a de teus avós e quando o tempo terminar e o reino estiver em poeira e governado pelo Mestre, entrega-a a Fernão que parece ser o unico destinado para ella, neste mundo... Cansa-se e ouve, Marbim... que seja em S. Domingos... Foi ali que eu e tu recebemos as esgomas de cavalleiros...

El falló ya en fraguando con el exceso e a força que para isso fazia.

— Cumprirei o que diz, murmurou o Marbim.

— Murmurei breve... e o meu-me obrigado a estar aqui e a saber que nas muralhas se combatte, e a ver os castelhanos só abrirem a grade e não a trave de minha vizinha, posto-me ainda mais... Tu continues como dantes e segue os exemplos dos teus avós. Sê leal e generoso... Defende o Mestre até à morte porque a sua causa é justa e nobre. Dá-me a vida se a tua honra o exigir... E quanto a Maria, néla

for ella valerosamente Jorge guarda um coração d'ouro... e se amigo de Ferreira Jorge é um cavalleiro digno e honrado...

Ferreira a calar-se; custava-lhe o fallar. Martim, imóvel e calado, com a cara afogada no ruído, contemplava a physiognomia ruda e expressiva do velho cavalleiro.

Tudo, no galacio, estava silencioso, e lá fora ia o mesmo silencio. Só de quando a quando o vento passando atravez das frestas das janelas e portas fazia ouvir os peses gemidos que tanto impressionavam as almas hystericas.

Passado um pouco, o velho abriu de novo os olhos e olhando para Martim continuou:

— Defende o Mestre, Martim... o santo Mestre, que venha que não venha bem empregadas todas as laças que em seu perigo quebrares... E vela-me por Maria... a imagem da minha santa mulher... da tua mãe... conserva as tradições e a honra de teus avós e de teu pai...

O velho ia perdendo a força com o fallar. E Martim, na mesma posição, continuava na contemplação ruda desse velho, quasi á morte, mas acarechando sempre o filho para o bem.

Atravez das janelas, já se avistava ao longe, já o nascente, a fecho esbranquiçada que precedia o nascer do sol. E quando este rubis, entrando no quarto do guerreiro pude ver os dois na mesma posição ainda. O velho, com os olhos fechados, parecia

dormia e Marbim, sempre imóvel, contemplando-o, imaginava os honras como Affonso Henriques, como o Affonso do Salado, de Gonçalo Nunes que morreu aconselhando o filho a deixar do seu castello, e outros tantos honras que aubria abraçey daquelle cráneo coberto com felle já enrugada e algumas cicatrizes, mas que encerrava um cerebro onde as ideias da patria e liberdade viviam ainda com bastante vida e vigor.

Já o sol ia alto e os dois conservavam-se na mesma. Só horas depois é que o velho abriu por um momento os olhos e disse algumas:

— Maria e Ferrão...

E cahiu no silencio anterior.

Mas quando disse estas palavras, seu corpo já se partia-se a queda de um corpo lançado no chão como um corpo humano que baqueasse regentivamente no tazedo do quanto.

==

Coinbre = novembro

de 1897. =

IV

Um pouco de historia

VI

1º

18 de outubro de 1817 = Gomes Freire de
Natividade.

Se alguns factos ha que, justificados pela força brutal d'alguma nação estrangeira contra o nosso paiz, não esquecerem aquelles que não verdadeiramente portuguezas, o facto precedido a 18 de outubro de 1817 é sem duvida um dos que não podem esquecer aos que amam a liberdade e independencia da sua patria. Quero fallar do que succedeu precisamente ha 77 annos e 14 dias⁽¹⁾: o assassinio politico do marechal Gomes Freire de Natividade em nome de Bonaparte.

Dis um illustre escriptor⁽²⁾ que « o marechal era, de facto, o rei » e é este assassinio um dos factos que mais mostram que o despotismo inglez tinha chegado ao seu auge, e era cruel e intoleravel.

Gomes Freire, como patriota, quizera derrubar

⁽¹⁾ Este artigo sahio no n.º 1 do "Ouvro jornal" quinzenario mesmo escriptor que eu publicava com o Marquês Duque em 1896; e este numero sahio a 1 de novembro.

⁽²⁾ Marquez de Souza Holstein.

o desfolto britânico; mas seu foga do seu zelo teve a esdeia e a força; e além da força o seu coraço foi queimado e além disto as cruzas lançadas ao mar já no que nada restasse daquelle que seu vida teve o glorioso nome de Gomes Freire d'Andrade!

x

Em 1757, filho de Theodoros Freire de Andrade, nasceu em Vienna d'Austria este distinto official.

Assantando graça como cadete no regimento de Pavia, foi promovido a alferes em 1772.

Catharina II de Russia andava então em guerra com os Turcos que depois de uma serie de desastres vieram os seus territorios em poder da soberba Turquia. Gomes Freire, alcançando licença foi servir no exercito russo onde mostrou que era militar ousado e fortuezo. Foi elle que, á frente do seu regimento, queimou a cidade de Ochakow. Em vista desta e outras façanhas, a imperatriz russa conferio-lhe o habito de ordem de S. Jorge. Além disto teve uma espeda de honra e o posto de coronel nos regimentos imperiaes.

Enquanto andou pela Russia illustrando o seu nome, em Portugal elevaram-no a tenente-coronel em 1790 e a coronel em 1791; e quando voltou á patria foi nomeado commandante do regimento do Marquez das Minas que devia brevemente partir para a Batalha. fazer parte da divisao que tinha sido enviada pelo governo Portuguez para aquella provincia. Desbada a campanha e voltando a Portugal Gomes Freire foi nomeado marechal de campo em 1795.

Dezist, quando em 1807, Junot entrou e tomou
 Girona de Lisboa e quiz formar um exercito (que depois
 se chamou Legião Portuguesa) para mandar servir nas
 campanhas de Andaluzia, Gomes Freire foi, com o mar-
 quês de Alorna, D. Rodrigo de Leucastro, Paungloris, D. Jo-
 sé Barcos, Brito Mesquita e o coronel Pego, encarre-
 gado de a organizar.

Organisou-se a Legião; o commando foi dado ao
 marquez de Alorna e Gomes Freire ficou com o logar de
 segundo commandante. Organizada, a Legião teve or-
 dem de partir para Salamanca; e partir. Partiu para
 servir em guerras longe da patria, debaixo de outras
 bandeiras e em favor de um extranho que queria que
 queris avassalar o mundo. Mas o soldado cumpre as
 ordens recebidas; e este pequeno exercito teve occasiões
 de mostrar aos estrangeiros quanto vale um filho do
 occidente.

Quando a Legião chegou a Burgos onde se encon-
 trou Jela primeira vez com os soldados indigenas, tra-
 tava-se de já cerco a Saragoça. Os generaes france-
 zes quizeram-na alvositar e deram-lhe ordem para
 mandar para esta cidade um destacamento que foi
~~confiado~~ confiado ao general Paungloris que foi subs-
 tituido por Gomes Freire que tinha então chegado por-
 que se demonstrara ainda um puez em Portugal.

Deram-lhe o posto de tenente-general e uma di-
 visão de 4.000 homems: 1800 portuguezes e 2.200 fran-
 ceses.

Chegarão a Saragoça dias antes do ataque geral.

É Gomes Freire, quando, dias depois se deu o ataque, teve de atacar o forte, talvez o mais forte, das linhas de defesa. E morreram ali e todos os seus companheiros no ardor do combate se os franceses não tivessem aberto brecha na porta de S. Eufracasia.

Sabendo isto corre com os seus ajudar os invasores e entrando ao mesmo tempo na cidade, foi, depois de forçar as portas, libertar os presos que ainda se achavam nos cárceres de Inquisição. Diz acerca d' este facto o illustre escriptor Pinheiro Chagas: « Não era uma coincidência singular, está, que fazia com que os portugueses, victimas também desta horrivel instituição do Santo Officio, fossem os que ^a extinguiam em Saragoça, os que a Providencia destinava em terra estrangeira a serem os libertadores das ultimas victimas? » ⁽¹⁾

Mas Verdier, o commandante do cerco, retirou porque se viu indigente para tomar a cidade que os habitantes defendiam casa por casa, rua a rua.

Partiu a Legião depois para França onde foi organizada a franceses pelo general Muller e depois foi reorganizada em notavel papel na batalha de Wagram.

Depois desta batalha a Legião foi encontrada em Taborna Gomes Freire que então tomou o commando dos valentes portugueses. Em agosto de 1810, Gomes Freire partiu para a Suissa enquanto a Legião partindo para Paris recebia as tropas de Mainz

⁽¹⁾ História da Legião Portuguesa, II.

consideração do grande Suleymanlar.

Estas a enumerar as genéricas for que ganharam os valentes legionarios que agraça de combatterem for um extranho não esqueciam o seu dever de soldados para longe e fora de proposito.

Sabemos que, depois de vir de campanha da Russia e depois de estar prisioneiro no Austria, Gomes Freire voltou á patria em 1815 e que accusado como esmoleiro foi preso a 25 de março de 1817 e levado para S. Julião de Barra.

Eram accusados 17 esmoleiros. A sentença mandava degradar tres dos accusados, oito a serem enforcados, queimados e suas cinzas lançadas ao mar; quatro a serem somente enforcados; dois a serem postos em liberdade e o barão d' Eben a ser somente expulso de Portugal!

Gomes Freire, ao lerem-lhe a sentença subnegou as suas condecorações, excepto a de Russia:

— Hei-de morrer como esta, disse elle, que não devo ao governo Portuguez. Recordo-me o dia em que, a despeito dos alfauges de trinta-mil turcos, arvorei as aguias russianas sobre o crescente de Mofonia! Dá-me alento para hoje deprezar a vida como antes a despresei! ⁽¹⁾

E no manhã de 18 de outubro de 1817 arde-se degenderado, ~~no~~ ~~forte~~ balouçando ao vento, no forte de S. Julião de Barra o cadaver do grande general!

(1) Sousa Monbeiro: Hist. de Portugal, vol. II

6 horas depois foi queimado como nos tempos de ignobil Inquisição!

« Era um auto de fé que ainda ás 11 horas da noite conservava injas chamas! »⁽¹⁾

É assim morreu de morte infamante o nosso general que soube illustrar seu nome e o do seu paiz que foi honrado e querido de Catharina II de Russia, do grande Catalão e dos seus melhores generaes e que quiz libertar a sua patria do despotismo inglez!

x

Em 1820, quando Beresford voltava do Rio de Janeiro onde fôra pedir ao rei mais auxilios e poderes, encontrou outro governo já e que o não deixou desembarcar.

Viene do Brazil no navio Vengetur e quando já tem para Inglaterra foi no navio Abella que foi escoltado pelo Vengetur até fôra da barra.

Sucedem isto a 18 de outubro de 1820: tres annos depois do assassinio de Gomes Freire.

Singular acaso!

=====

Coimbra = outubro

de 1896. =

⁽¹⁾ S. Gayer: Memorias, vol. XXVIII

2º

27 de setembro de 1811 = Batalha do Bussaco.⁽¹⁾

Entre as batalhas que mais honraram as armas nossas, encontra-se esta, dada na penha do Bussaco, pelo grande imperator russo e que manchou de gloria o nome do imperator, o heros das aquas imperiaes.

O grande imperator, que quer o mundo era de grande gloria as suas ambições, tentou apossar-se do monte do Bussaco onde viviam as tradições mais gloriosas que se podiam encontrar. Tentou-o; mas apesar da fama e do valor dos seus soldados, o imperator viu que era aqui, e em toda a península, o ponto de mais difficil accesso para as suas poderosas e triumphantes aquas.

A penha do Bussaco era muito alta para que ellas podiam ser transgosta. Apesar da força e energia do seu nome, não podiam alcançar o cimo do rescaldo aspera e má para tão grandes peñones.

O exercito francez viera acompanhado de grandes

⁽¹⁾ No n.º 2 do mesmo quinquenario. "Um jornal"

faus e aureolado pelas glórias de Buxtehdy, Jena e
 Miaringo; tinha á sua frente grandes generaes, suas
 chegando aqui, ao velho Portugal, estava: encontrou
 deante de si, não os brilhantes exercitos russos e austria-
 cos, commandados por príncipes e reis, mas sim regi-
 mentos formados essencialmente da massa popular,
 que, custasse o que custasse, não queria ver as suas ter-
 ras invadidas e devastadas pelo estrangeiro; não que-
 ria ver-se a si e á sua familia, sujeitos ao dominio
 napoleónico; e queria ardentemente, á custa de alguma
 vida, conservar-se livre, independente como o foram
 os seus antepassados.

Valley lhe porresse ainda a imagem de Aljubarrota
 com o seu vencedor coberto de gloria e tardo, ante si,
 a liberdade e independencia do seu paiz.

É o grande gigante que até ali tinha atormentado
 o mundo, vacillou; e as suas aguias foram obrigadas
 a « amarstar-se em vãos atalhoes e incertas, de cer-
 no em cerro a travez das Hespanhas, até se recolharem
 na guarida donde partiram, levando apenas suas ger-
 ras já mal seguras o desenganho de imaginados domi-
 nios e poderes. »⁽¹⁾

É foi assim que o exercito francez, depois de estamar
 com as celebres linhas de Torres Vedras, se viu obriga-
 do a recuar, de derrota em derrota, até á França, ou-
 de já estava decadente o brilho do esbelle d'aquelle

(1) Discurso de José Estevão Coelho de Luagothões — em 14 de
 dezemb^{ro} de 1857.

que a levar ao mar as engrenagens. Foi depois, Waterloo e com ella a queda do grande Bonaparte.

Com a invasão de Junot ficou Portugal quasi sem exercito porque o melhor fôra na celebre Legião Portuguesa que tão bem se portou nas campanhas de Napoleão Bonaparte.

Mas apesar disto, Massena encontrou grande resistência, resistência que não esperava, porque dizia que o maximum para a conquista de Portugal eram 17 dias!

Trazia no seu exercito Junot, Ney, Regnier e outros generaes de grande nome; e o seu exercito era composto de 83.600 homens seguindo um official francez que entrou na batalha; 66.000 seguindo Thiers; e 80 para 20.000 seguindo o erudito bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo.

Massena, « l'enfant chéri de la victoire » trazia um exercito bastante grande, commandado por grandes generaes; e o grande prestigio do nome de Bonaparte era um poderoso auxiliar para a victoria. Mas não conseguiu, o vencedor de Zurich, vencer « estes rebeldes filhos do occidente. »⁽¹⁾

Entrou Massena em Portugal e cercou Almeida. E depois de ganhar por Vizeu que encontrou deserta, dirigiu-se para a Serra do Bussaco com intenção de a atravessar.

No dia 26 de setembro, a vanguarda do exercito francez atravessou a fonte do Briz depois de um longo

⁽¹⁾ P. Braga: Historia da Legião Portuguesa.

no combate com os aliados e continuando a sua marcha, teve grande resistência em Santo António do Cantaro e não poderiam continuar porque na montanha do Gathano também havia algumas forças dos aliados que a destroçaram nos seus recanhecimentos.

Masreneu quando chegou e viu forças consideráveis no peira do Bussaco e convencido que os aliados dariam batalha, reuniu Junot que commandava o 3.º cargo, Ney que commandava o 6.º cargo e Regnier commandante do 2.º, para se conferenciar acerca do ataque á formidavel posição occupada por Wellington.

Ney foi da opinião que se não atacasse a posição e que se voltasse a Almeida e esperar reforços para a conquista de Portugal, ou tomar o recanhecho. Mas Masreneu e os dois generaes não sendo dessa opinião, resolveram atacar o exercito aliado.

« Vainqueur jusqu'alors, en toute occasion et en tout pays, il lui semblait très fâcheux de reculer et le fois. Il comptait sur la constance de la fortune et, réduit par les reversiers de sa gloire garrée, il refusa jusqu'au bout d'écouter les sages conseils du marquis d'Alorna qui lui garantissait le moyen de tourner la montagne au lieu de l'aborder de front. »
 Masreneu regia bien cruellement cette confiance. »⁽¹⁾

Diz assim, e com razão um historioador francez.

No dia 27, ainda de noite, ás 2 horas, o exercito

(1) D. Bouchot: Histoire du Portugal et de ses colonies [Ag. Simões de Castro: Guia historico do viajante no Bussaco]

franceses tomou ordem de batalha: a direita era formada pelo 6.º corno e estava na estrada que ia para o convento; a esquerda era formada pelo 2.º corno que estava na estrada de Santo Antonio do Cantaro; e o centro era formado pelo 8.º corno. A cavallaria conservou-se na retaguarda.

As 6 horas da manhã começou o ataque.

As divisões Loison e Mermue, da direita do exercito francez, tiveram que combatter com alguns batallhões portuguezes que depois de um disputado combate se viram obrigados a recuar. Mas defenderam-se heroiicamente quasi uma hora, intrincheirados numa pequena aldeia que ha no meio do montanha. Mas obrigados pela forza numerica do inimigo retiraram-se até á linha de batalha.

Neste ponto, as forças alliadas depois de esgararem firmemente o inimigo, fizeram-no em completo debandada, com um fogo regular e bem sustentado. Neste ataque os francezes perderam muita gente, deixando prisioneiros muitos soldados e o general Simon, a quem Wellington mandou para o convento e que foy bem tratado.

Foy-lhe dado o quanto de um official inglez e depois veio sua esposa e bagagens que Massena mandou.⁽¹⁾

Regnier, eubão, com o 2.º corno, carregou fortemente

(1) Diario memoravel dos acontecimentos... [ed. Simon de Castro: Quis cit.º].

te as nossas linhas, mas nada pôde conseguir. En-
controu resistência heróica e perdeu dos seus soldados
1500 mortos e 3.000 feridos. Além disto deixou prisioneiros
o general Grandange.

Foi então que Massena desistiu de tomar a posição
e consultados alguns generaes resolveram que se cami-
nhasse pelo estrodo de Boialva, na direcção do Porto,
para se tomar a manbanha e caminhar para Lisboa.

Os nossos regimentos gostaram-se « como aquella
" bizarrice firmeza que lhes é propria » como disse Wel-
lington⁽¹⁾

Este, percebendo o movimento do exercito francez,
partiu precipitadamente do Bussaco e indo adiante do
exercito francez, foi receber-se ás linhas de Torres Ve-
dras onde cobrou, inesperadamente, o grande poder magi-
co.

Os francezes, seguindo o mesmo caminho de Wel-
lington, iam roubando e devastando tudo que encon-
travam, entrando todos no saque desde o soldado ao
grosio Massena!

« Parando ligeiramente o venho daquelles man-
" chas de francos, apparecia logo a felle grossa dos sal-
" tadores. »⁽²⁾

E Wellington, triumphante, ris-se de dentro das
linhas de Torres, do exercito francez que se não atrevesse
a atacal-o.

(1) Officio de Wellington [Ed. Simões de Castro: *Guerra* cit.º 142

(2) F. Costa: *Memorias de um ajudante de campo*, ...

« Wellington, devant tout dire, c'est le héros de l'Europe.
 " Je l'ai vu en lui le seul homme capable de rivaliser
 " avec Napoléon. »⁽¹⁾

Foi esta a Inglaterra que dirigiu a primeira derrota poria
 aos exercitos de Napoleão e o que deu o golpe final ao
 grande imperio francez.

Devemos concordar que o auxilio de Inglaterra foi
 alguma coisa, nem por algumas vantagens de perder os
 ingleses. Se os francezes nos roubaram, insultaram, e
 devastaram os nossos campos e cidades, os ingleses não o
 faziam nem quando não fôramos.

Esta alliança que parece que foi um grande bem para
 Portugal, acabou ainda de desgraçar o nosso país e ter-
 mal o povo da Gran. Bretanha, até que a causa liberal
 não se beneficiou e triunfante, desentão este povo que ja-
 zia ainda no estado de torção e que as guerras o ti-
 nham goste mas que ainda não mantem os seus di-
 reitos de liberdade e independência.

Terminaram então as invasões francezas. Esta bata-
 lha de Buçaco teve graves consequências para Mas-
 seus: era a primeira derrota que tinha tido e a sua
 rejeição de grande general baixou extraordinariamen-
 te.

Transcrevemos aqui uma pequena lenda que achamos
 muito curiosa:

⁽¹⁾ Bouchot: Histoire cit²

Sarriada a Massena:

Senhor Massena, não se ena
 Fez nesta sua invasão;
 Que dirá a Salgoteau?
 De certo nome de Jena!
 Marengo, Austerlitz, Jena
 Não tiveram parte igual;
 Se ficou esse general
 Figue assim nessa postura
 Porque era fraco figura
 Para rei de Portugal.

Bem sei que o projecto seu
 Era ajuntar esquadras
 Para fazer os canaas
 Que Junot nos promettera:
 Mas disse o disfarço em
 Que para canaas é fraco;
 E se do Cêro me escoco
 Quis ao furor esconder-se,
 Figue por cá, vá metter-se
 Frade leigo no Bussaco.

x

Entre as montes da Traviha e de Sulle, fora da mat-
 ta, existe, no nome do Bussaco um pingelo nomeado
 to que comemorava a victoria alcançada pelo exer-

eito anglo-luso. Foi principiado a construyr-se em 1862 a estância do Sr. Joaquim da Costa Bastos, e sómente concluido em 1873.

No pedestal e na face do marcanté lê-se o seguinte:
Do exercito — Luso-britânico — Baulganas — da
— guerra peninsular — 1808 a 1814 — 6 bloqueios — 12
defensas — 14 cercos — 18 assaltos — 215 combates —
15 batalhas.

Na face de frente lê-se: Ergido — em — 1873 —
destruído — por — um — raio — em — dezembro —
20 — 1876 — restaurado — em — 1877.

Este pingles monumento lembra hoje uma bata-
lha notável em que os nossos regimentos se cobriram
de glorias e deram o primeiro golpe na soberba de Na-
polião Bonaparte.

Coinhros = novembro de
1896 =

3^o

15 de março de 1147. = A tomada de Santarém.

D. Affonso Henriques, o rei conquistador, fizera paz com os mouros por causa do seu projectado casamento com D. Matilde, princesa da Mauritânia e Saboia.

Mas não duraram as trevas muito tempo: o génio inquieto e audacioso do reino nascente não permitia trevas sendo ao longe ainda vastos campos cobertos de castellos fortes e inaccessíveis, curvados ao jugo agarenos.

Um destes castellos era o de Santarém. Posição excellente e cercado de muros fortes, era este castello uma das miras do conquistador espiro do nosso primeiro monarcha.

Resolvido a conquistá-lo, ainda que com poucas forças para tamanha empresa, Affonso I mandou um guerreiro chamado Mem Trancos estudar a posição e qual o melhor ponto para um assalto. Partiu Mem Trancos e voltando disse que era empresa facil a tomada do castello e que se levaria facilmente a effecto.

Resolheu Affonso I partir, sabendo porventura o fim da amizade o mesmo Meau Rodrigues e o Juiz de S. Brás, S. Theotonio, que depois foi conpuzado.

E no dia 10 de março de 1147, segunda-feira, uma pequena hoste, acompanhada de alguns cavalleiros e honras d'armas, via-se caminhando de Coimbra na direção do sul. E caminhava para saber o seu destino: de certo alguma acção heroica!

No dia seguinte, ouz, mandou dizer Affonso I aos mouros de Santarém que quebrava as treguas por tres dias. Somente, em Penes, quando a pequena hoste lá chegou é que lhe foi dito o seu destino, o facto heroico que ia fazer: a tomada de Santarém!

E nesse mesmo noite aproximou-se da villa cercada.

Se no frente Meau Ramires e a rectaguarda era commandada por Affonso I.

O plano era assaltar a parte em que os arabes geralmente não tinham vigias.

Ors os mouros, recebendo a nova da quebra de treguas por tres dias e, lassados elles, não recebendo manifestação hostil por parte dos gartuqueses, provavelmente continuariam como antes. Contava com isso, naturalmente, Affonso Henriquez, mas quando a hoste se aproximou da parte onde se julgava não haver guardas, viu no alto da muralha dois honras que guardavam aquella parte do castello. Tiveram, pois, de esperar.

Só quando o primeiro fez curvar os dois azareus

é que Mem Tamires, protegido por uma casa próxima, se aproximou da muralha.

Fuiz grávida uma escada ás muralhas: suas falthando-lhe o tiro a escada veio cahindo com um grande estrondo do gela muralha até ao chão.

Pareu, o valente gonzalez agarrando em um dos seus soldados, que conseguiu grávida a escada, gratificou um acto, que, demorando mais godia conseguem ter o fim da empresa.

Saltou immediatamente o alferes-mór na escada e, seguida por Mem Tamires, foi o gineiro que gôz no polento castello de Santarem que parecia nã dos esforços dos christãos, inextinguivel a forte. ⁽¹⁾

Desferbaram os dois guardas. E reconhecendo o terrivel estandarte da Cruz que o alferes-mór levava, e os seus membros inimigos, ficaram estupefactos. Seria, de certo, um pouho.

Ainda ha poucos os camijos innumeros circumvisinhos estavam silenciosos, sem nenhum indicio de proximidade da hoste inimiga.

Alguns, os christãos, os malditos mozarenos, de gora, quasi, de cidade, sem se poder como e sem se poder resistir!

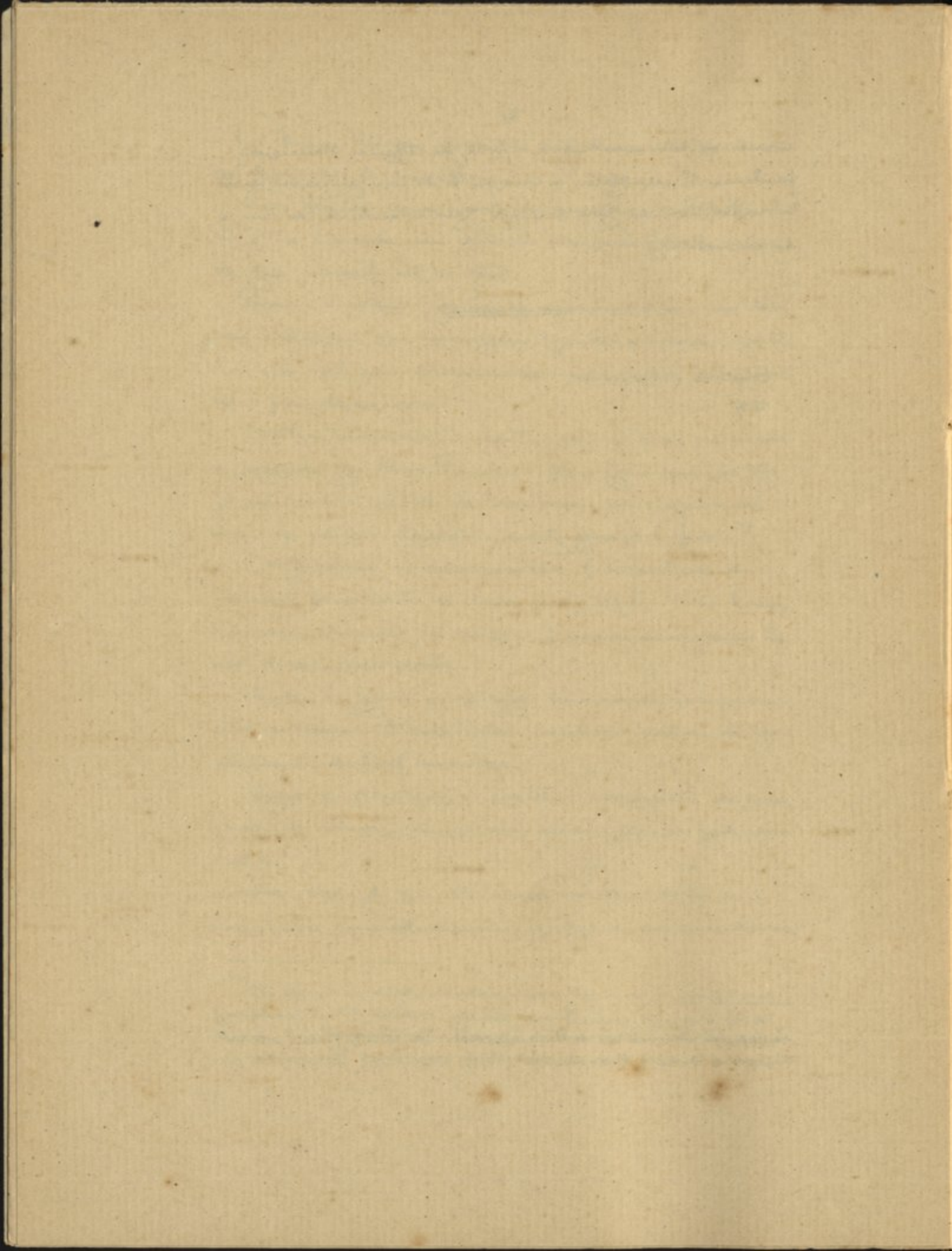
Mas, nada do que elles viam era um pouho: em breves, um guchado christão, fez gassar ao mundo dos

⁽¹⁾ He algumas diversidades acerca deste dato. Quasi-me foi Alexandre Herkulano que no seu Historia diz ser a 15 de março que se realizou a tomada de Santarem. No Dicionario universal gonzalez, p. 378, I vol. diz que foi a 15 de maio

mortos os dois esculcas: e a hoste de Affonso Henriques
facilmente conquistou a inexpugnavel castel
lo substituindo para sempre, pelo estandarte de cruz,
do crescente.

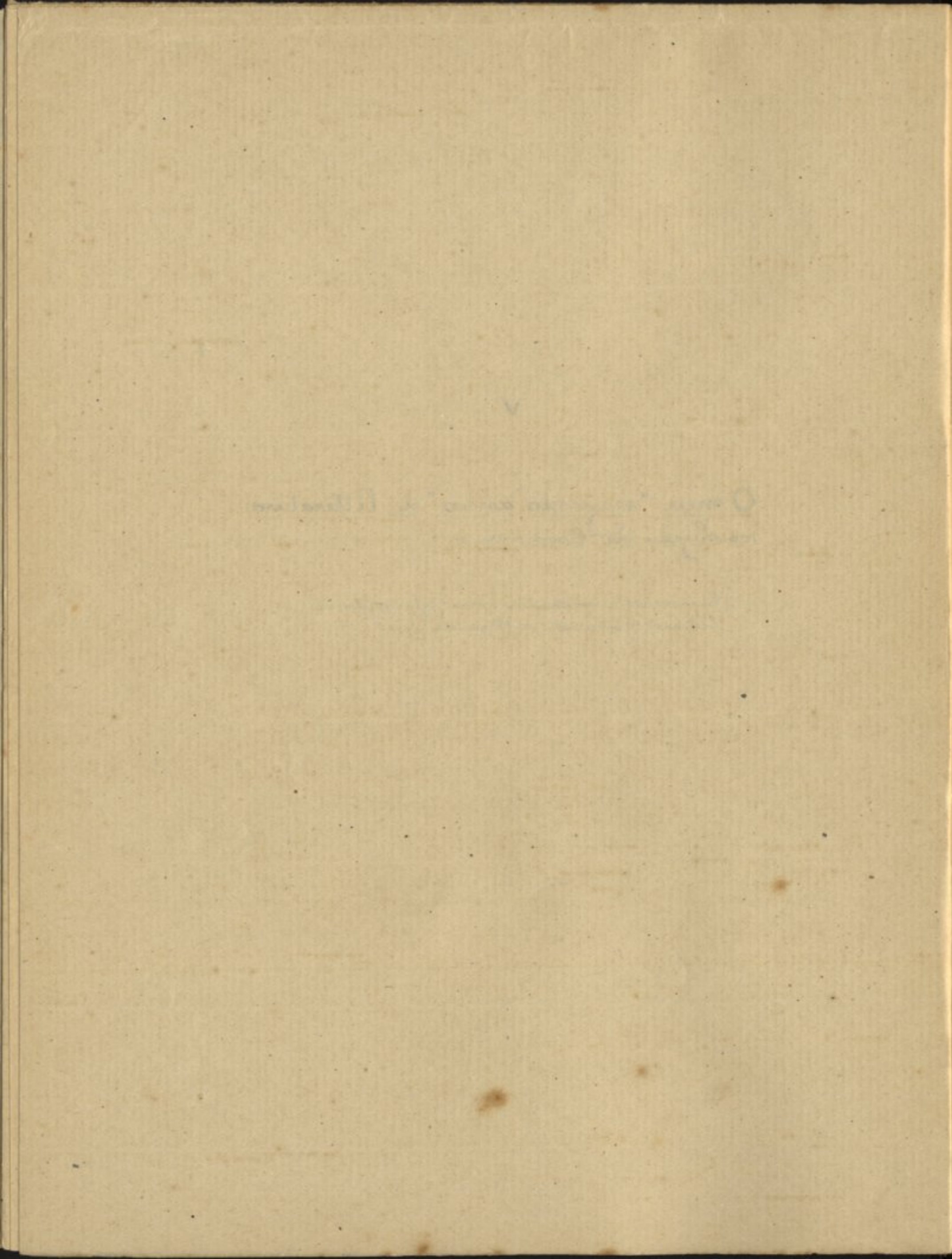
Coinilera = marco de
1897. =

de 1147; no Anuário da Universidade {de 1896-97} narra este fa-
cto, como dado a 11 de março.



O meu "segundo anno" de litteratura
no Lyceu de Coimbra :

{ Exercícios mandados fazer pelo professor -
bacharel Fortunato d'Almeida. }



Renascença ⁽¹⁾

Chamamos Renascença ao período brilhante em que a Europa quasi inteira estudava os mysterios da Antiguidade, a vida dos templos garrados, que até ali tinha jazido sepultada em algumas estâncias ruinosas, e em que as artes e as sciencias, cultivadas por genios como Miguel Angelo e Raphael, Copernico e Galileu, foram elevadas ao seu maior brilho.

Período brilhante foi este em que, por um lado os eruditos faziam surgir a antiguidade da escuridão em que tinha estado e por outro, grandes honras do occidente, fazem apparecer terras que tinham até então estado encubertas; em que, ao mesmo tempo que os quadros de Raphael apparecem ao lado das estatuas de Miguel Angelo, Copernico descobre o verdadeiro systema planetario.

(1) Este exercicio é ampliação de um outro que fizera uns dias agoz e ~~que~~ ~~por~~ ~~isso~~ é desnecessaria a sua copia neste volume.

O período da Renascença abraça tres seculos: XIV, XV e XVI. Podemos dizer que teve principio com a edição da Divina comedia; mas verdadeiramente o grande movimento começou no seculo XV, tendo talvez como causa determinante a tomada de Constantinopola pelas hostes de Mahomet II.

Muitas destas causas foram as causas do Renascimento. A invenção da imprensa, as descobertas geographicas, a fundação das Universidades e a descoberta da Góloza, muito contribuíram também para que se desse o brilhante movimento que é um dos mais notáveis da história universal.

No fim da Idade-mediea, as hordas invasoras dos Turcos ottomanos aproximaram-se da Europa depois da conquista de quasi toda a Asia occidental.

Para evitar a conquista do continente europeu resolveram apoderar-se da capital do decrépito Império do Oriente. A primeira tentativa não deu resultado; pô trinta annos depois cercada por um poderoso exercito, a mesma cidade de Constantinopola se entregou ao vencedor Mahomet.⁽¹⁾

Os eruditos gregos de Constantinopola, possuidores de manuscritos antigos e conhecedores da litteratura classica, não querendo sujeitar o dominio do musulmano, vieram, fugindo, escolher-se á Europa, principalmente para a Italia e França.

(1) a 29 de maio de 1453

As cartas italianas, principalmente a magnifica carta de Florença, e os Pontifices, acotaram os annos velmente; e em breve estes patrios esgostaram o gosto pela litteratura antiga.

Florença, onde se viu reinava Lourenço, o magnifico, tornou-se um dos centros do movimento litterario; e Roma não lhe ficando atrás protejeu tambem e eficazmente os Gregos.

Do Papas distinguiram-se principalmente Leão X Julio II e Paulo III.

Na França o protector principal foi Francisco I.

A descoberta de Guttemberg foi certamente um dos factos que mais contribuiram para o engrandecimento da Typographia. Guttemberg querendo achar um meio para fazer os livros sem serem escriptos á mão, começou por gravar cada pagina do livro em gravilhas de madeira; inventou, depois, o typo movel tambem de madeira até que acabou por fazel-o de chumbo e antimonio.

O primeiro livro impresso foi a Biblia em 1455; e esta descoberta rapidamente se esgostou pela Europa onde se começou a fazer grande uso della.

Até este tempo os livros manuscritos eram condemnados a ser entregues nas mãos dos copistas que quasi sempre deturpavam o original, ou a ficarem encerrados ou perdidos no fundo de uma bibliotheca. As bibliothecas de Edade-media, ainda que poucas e que eram sempre de pessoas reais ou de nobres.

leiros, o voltar em que os livros eram lidos era tanto que quasi sempre estavam presos á estante com fortes correntes de ferro.

Cain a descoberta de Gutenberg, foram, tudo isto acabou; e os livros antigos e modernos começaram a ser esgotados profundamente em edições barba-
lissimas e a serem de facil acquisição a qualquer individuo.

Mas, ao mesmo tempo que no centro da Europa começava o verdadeiro brilho do Renascimento, em que a ambiguidade renascia aos olhos de todos, ao occidente, um pequeno povo fazia aginecer aos olhos da Europa terras e mares desconhecidos até então.

Éra este povo, o povo português.

Já he muito tempo que tinha enjulso das suas fronteiras, os musulmanos; já não tinha os combates sanguinosos e constantes que os primeiros reis sustentaram; com o seu poderoso vizinho terminára de vez as guerras depois de lhe dar uma Aljubar-
rota; e com as suas victórias que fizeram echo em toda a Europa tinha seguras as suas fronteiras por-
que certamente não havia na Europa quem se atre-
vesse a medir forças com este heroico povo que acq-
bava de dar provas da sua valentia.

Porém, e faz não lhe agradava. E elle ali va-
combatten o crescente que ainda se via tremular
nas plagas africanas.

E bem, quando menos o esgavao via-se in-